



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
CAP. ESEBA/UFU



# **PLANO DE CURSO**

## **6º ano**

### **Ensino Fundamental**

### **(anos finais)**

**Uberlândia**

**2025**





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
CAP. ESEBA/UFU**



**Plano de curso apresentado para o ano letivo  
de 2025, com o objetivo de planejar e orientar o trabalho  
pedagógico ao longo do ano.**

**Profa. Dra. Núbia Silvia Guimarães Paiva**  
**Direção**

**Prof. Dr. Daniel Santos Costa**  
**Assessoria Pedagógica**

**Profa. Dra. Flávia Pimenta de Souza Carcanholo**  
**Assessoria Pedagógica**





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
CAP. ESEBA/UFU



## **Componentes Curriculares**

**Arte**

**Ciências**

**Educação Física**

**Filosofia**

**Geografia**

**História**

**Língua Estrangeria**

**Língua Portuguesa**

**Matemática**

**Psicologia**





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
CAP. ESEBA/UFU



PLANO DE CURSO / 2025

**Componente Curricular: Arte – Dança**

**Ano: Sexto**

**Turma: A, B e C**

**Ciclo: 3**

**Turno: manhã**

**Docente(s):** Patrícia Ferreira Árabe e Daniel Santos Costa.

**Coordenador(a) de Área de Conhecimento:** Lucielle Farias Arantes

**Assessor(a) Pedagógico(a):** Daniel Santos Costa

**Direção:** Profa. Dra. Núbia Silvia Guimarães

**OBJETIVO GERAL DO ANO DE ENSINO:**

Proporcionar aos estudantes experiências artísticas e corporais que ampliem sua percepção e compreensão da dança como linguagem expressiva, cultural e autônoma. Incentivar a investigação do movimento e da composição coreográfica, desenvolvendo a consciência corporal e espacial, o olhar crítico e a capacidade de reflexão sobre a prática artística. Estimular a fruição de obras, a apreciação e a experimentação de diferentes referências e manifestações da dança, promovendo autonomia e experimentação na construção de conhecimentos sobre a arte do movimento. Fomentar a participação ativa nos processos criativos artísticos. Valorizar a singularidade, a diversidade e a potência coletiva.

**CONTEÚDO/EIXO/TEMA:**

**1º TRIMESTRE**

- **Mapear** os corpos, histórias e singularidades que compõem o coletivo da turma, promovendo a valorização das individualidades e fomentando a troca de experiências. Estimular a empatia e o respeito às diferenças, utilizando a dança como meio de integração.

- **Observar e ser observado:** Introduzir o conceito de observação na dança, refletindo sobre o papel de quem investiga o movimento e de quem observa. Estimular um olhar crítico e construtivo, compreendendo a experiência tanto como público quanto como artista da dança.
- **Treinar a percepção e a escuta:** Compreender a percepção como algo que pode ser cultivado e expandido, desenvolvendo uma escuta que não se restringe ao ouvir, mas envolve todo o corpo. Investigar como a atenção ao movimento – próprio e alheio – pode ser ampliada, explorando a relação entre qualidades como ritmo, fluxo, direção e intensidade. Estimular a capacidade de perceber nuances e detalhes do movimento, reconhecendo como essas variações afetam a experiência corporal e a relação com o espaço e com os outros.
- **Guiar e seguir: proximidade e distância.** Investigar como o corpo se relaciona com os outros e com o espaço, experimentando diferentes formas de aproximação, afastamento e condução do movimento. Estimular um corpo sensível e poroso, capaz de se expressar e se posicionar ativamente.
- **Passar entre, por cima e por baixo:** Explorar trajetórias no espaço e suas variações, ampliando a consciência corporal e espacial. Investigar como diferentes caminhos e relações com os outros corpos transformam a experiência do movimento.
- **Investigar contrastes de movimento,** como rápido e lento, alto e baixo, percebendo como essas variações influenciam a expressão e a comunicação corporal. Promover a flexibilidade na criação e experimentação do movimento.
- **Práticas “festivas”:** experimentar estados de performatividade que estimulem o sentido de ludicidade, de coletividade e pertencimento. Dançar para si, dançar para o outro, dançar com o outro. Dançar juntos! A festa é metáfora pedagógica para o desejo de estar juntos, criar colaborativamente e encontrar com a diferença numa relação de contato/contágio/conflito reverberadas em movimento dançado.

## 2º TRIMESTRE

- **Coreografia como processo:** Identificar, reconhecer e nomear as danças, improvisações e investigações de movimento já experienciadas, compreendendo-as como parte de um processo coreográfico. Aprofundar a percepção dos elementos da dança, como qualidades do movimento, dinâmicas e organização no espaço.
- **Registro e reflexão:** Ampliar a capacidade de verbalizar, escrever e refletir criticamente sobre as práticas desenvolvidas em aula. Explorar diferentes formas de registro – verbal, visual e corporal – como ferramenta para aprofundar a consciência do próprio processo artístico.
- **Experimentação e investigação:** Pesquisar o movimento a partir de temas disparadores e materiais diversos. Estimular a escuta ampliada e a atenção às relações entre corpo, espaço e tempo, experimentando diferentes possibilidades expressivas.
- **Fruição de obras:** Apresentação e análise de obras de dança de diferentes contextos culturais e históricos, promovendo um olhar crítico e sensível sobre a diversidade de abordagens da dança no mundo.
- **Interação com materiais:** Investigar materiais que não sejam apenas objetos, mas elementos ativos no processo de dança. Explorar a relação entre corpo e matéria, considerando sua agência e vitalidade na construção do movimento e da composição coreográfica. Estimular a experimentação e a criação a partir dessas interações, ampliando a expressividade e as possibilidades corporais.

## 3º TRIMESTRE

- **Aprofundamento das investigações coreográficas e expressivas:** Retomar e dar continuidade às pesquisas de movimento que surgiram ao longo do ano, trazendo maior consciência para as escolhas expressivas e compositivas. O foco será explorar o que pulsa dentro da turma e o que precisa ser dançado neste momento, conectando as investigações aos interesses, inquietações e questões que emergiram no grupo.

- **Composição e autoria na dança:** Os estudantes serão incentivados a estruturar suas investigações de movimento em composições coreográficas, reconhecendo e organizando elementos como qualidades do movimento, dinâmicas, ritmos, deslocamentos e relações espaciais. A proposta é compreender a coreografia como um campo aberto de possibilidades, onde a criação pode partir de diferentes estímulos e modos de organização.
- **Co-criação e experimentação coletiva:** Incentivar a construção de um trabalho colaborativo, onde a criação seja conduzida a partir das relações entre os participantes. Será trabalhado um tema central que tenha ressonância com o grupo, estabelecendo conexões com questões sociais e culturais relevantes.
- **Fruição de obras e diálogos com a produção artística contemporânea:** Ampliar o contato dos estudantes com artistas e produções de dança atuais, por meio de práticas compartilhadas, visitas ou apreciação de obras de diferentes contextos. Esse processo visa enriquecer o repertório dos estudantes e aprofundar a compreensão sobre a diversidade de abordagens na dança.
- **Compartilhamento do processo criativo:** O trimestre será finalizado com um momento de partilha das experiências desenvolvidas ao longo do ano. O foco estará na valorização do percurso artístico, possibilitando que os estudantes reflitam sobre suas investigações, experimentações e criações.

### **PROCEDIMENTOS E METODOLOGIA DE ENSINO** (recursos pedagógicos, estratégias metodológicas)

As aulas serão conduzidas por meio de práticas e procedimentos corporais, jogos, improvisações e propostas coreográficas, criando um ambiente que estimule a investigação criativa e a autonomia dos estudantes na construção do movimento. A metodologia adotada busca conectar a experimentação corporal com momentos de reflexão e verbalização, permitindo que os estudantes expressem suas experiências de maneira crítica e sensível. O trabalho em sala de aula também será permeado pelo reconhecimento e estudo de manifestações afro-orientadas e indígenas, tanto na

prática corporal quanto na apreciação e investigação teórica. O ensino da dança considera a **diversidade de referências culturais**, abordando corporalidades, ritmos e expressões que ampliem a percepção dos estudantes sobre essas tradições.

**Escuta e percepção ampliada:** As propostas serão guiadas pelo desenvolvimento da percepção do próprio movimento e do movimento do outro, estimulando uma escuta corporal expandida que considere o espaço, os ritmos, as intensidades e as relações em jogo. A percepção será compreendida como algo que pode ser treinado e aguçado, e não apenas um dado natural da experiência.

**Fruição de Obras:** O contato direto com produções artísticas diversas – vídeos, performances, relatos de processos – possibilitará que os estudantes ampliem seu repertório cultural e sensibilidade estética. A fruição será acompanhada de discussões que incentivem diferentes leituras e conexões entre as obras e as investigações realizadas em aula.

**Composição e experimentação coreográfica:** A criação coreográfica será investigada como um processo aberto, que pode emergir tanto de direções prévias quanto da experimentação em tempo real. Os estudantes serão provocados a investigar diferentes abordagens para a composição em dança, percebendo que a coreografia não se limita a uma sequência fixa de movimentos, mas pode se construir de maneira processual, relacional e expandida.

**Registro e verbalização:** Além das práticas corporais, os estudantes serão incentivados a registrar suas experiências e reflexões por meio de diferentes linguagens – escrita, desenho, construção de objetos, colagem, entre outras. Esses registros servirão como ferramentas para o aprofundamento do olhar sobre os processos artísticos e para a articulação do pensamento crítico sobre o que foi explorado.

**Práticas em diálogo com a produção artística contemporânea:** Os estudantes terão contato com práticas sistematizadas por diferentes artistas e grupos de pesquisa em dança, como "Leitura e escuta coletiva", "Zona de Contágio" e "Roda de Contaminação" do Vão (SP), princípios do "Flying Low" e "Passing Through" desenvolvidos por David Zambrano (Costa Rica), "Arqueologias do futuro" (Desaba - SP), práticas artísticas de "Transposiciones" (Patricia Árabe, Carolina Minozzi, Tamara Gomes e Vera Garat"), Corpo e Ancestralidade (Inaicyra Falcão), Corpo-Festa (Daniel Costa) e Corporivivências (Rosana Baptistella e Daniel Costa)



Essas práticas serão adaptadas ao contexto pedagógico, oferecendo aos estudantes experiências que dialogam com investigações vigentes no campo da dança contemporânea.

**A construção do ambiente como estímulo coreográfico:** Algumas aulas serão estruturadas a partir da preparação do espaço, incorporando materiais e estímulos sensoriais que potencializam as investigações dos estudantes. Os materiais não serão apenas elementos auxiliares, mas atuarão como parceiros do movimento, provocando novas relações corporais e espaciais.

**Guiança sensível e criação em tempo real:** A escuta ativa da professora será uma estratégia metodológica essencial. O planejamento das aulas será permeável às investigações que emergirem dos próprios estudantes, permitindo que os temas e questões latentes no grupo sejam incorporados ao percurso de aprendizagem. A guiança se dará de forma sensível e responsiva, trazendo provocações que ampliem as possibilidades de criação e reflexão dentro do processo coletivo.

Através desta metodologia, pretende-se criar um ambiente de aprendizagem que valorize a experimentação, a autoria e a construção coletiva do conhecimento em dança.

#### **MATERIAIS, ESPAÇOS, RECURSOS TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação)**

- Sala de artes/dança, anfiteatro, espaços externos da escola.
- Materiais de apoio: bambus, bolinhas de massagem, tecidos, cadernos de anotações, papéis, tintas, instrumentos sonoros, recursos audiovisuais.
- Recursos digitais para pesquisa e exploração de referências artísticas.

#### **PROPOSTAS DE TRABALHO AVALIATIVO**

A avaliação será realizada de maneira processual e qualitativa, contemplando a participação, o engajamento nos processos criativos, os registros e as reflexões sobre as práticas, bem como as apresentações artísticas desenvolvidas ao longo do ano. O processo levará em conta as aprendizagens relacionadas ao movimento em dança, tanto em nível individual quanto em sua articulação no contexto coletivo, considerando os percursos, as histórias pessoais e coletivas, e o tempo necessário para cada etapa do aprendizado. Como instrumentos específicos de avaliação, serão adotados: a comunicação efetiva e colaborativa; registros em formatos impressos e/ou visuais;

rodas de conversa; participação ativa nos processos vivenciados; e a contribuição em distintos processos de criação.

## REFERÊNCIAS

NELSON, Lisa. *Composition, Communication, and the Sense of Imagination*. Ballettaz, 2016.

LEPECKI, André. *9 variações sobre coisas e performance*. Urdimento, 2012.

SILVA, Luciane da (**Luciane Ramos-Silva**). *Corpo em diáspora. Colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny*.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

FIADEIRO, João. *Real Time Composition: Anatomy of a Decision*. Ghost Editions, David-Alexandre Guéniot.

MARQUES, I. A. *Ensino de Dança Hoje: textos e contextos*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MILLER, Jussara. *A escuta do corpo: Sistematização da Técnica Klauss Vianna; A SALA E A CENA: a importância pedagógica de processos criativos em dança e educação somática* Jussara Miller1 Cora Miller Laszlo.

MAZZEI, Ana; MÜLLER, Cláudia; MARCONDES, Renan. *Cartas para Dança*, Sesc, 2023.

MUNDUKURU, Daniel. *Vozes Ancestrais: dez contos indígenas*. São Paulo, FDT, 2021.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. São Paulo: N-1 edições 2023.

BENNETT, Jane. *Matéria Vibrante: uma ecologia política das coisas*. Caja Negra. 2022.

SANTOS, José Luiz dos. *Brincadeiras e jogos africanos: práticas lúdicas e educação intercultural*. São Paulo: Summus, 2018.

ZAMBRANO, David. *Flying Low e Passing Through: práticas de improvisação e composição na dança contemporânea*. Disponível em: <https://www.davidzambrano.org>. Acesso em: Março 2025.

VÃO (Patrícia Árabe, Isis Andreatta e Juliana Melhado). *Pesquisa em direção coletiva*. Disponível em: <https://www.sitevao.com/sobre>.

BASSANI, Tiago; COSTA, Daniel. *Arte na Educação Básica: experiências, processos, práticas contemporâneas*. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

BASSANI, Tiago; COSTA, Daniel. Arte na Educação Básica: experiências, processos, práticas contemporâneas II. Jundiaí: Paco Editorial, 2021.

COSTA, D. S. CORPO-FESTA: uma proposta poético-político-pedagógica no contexto da educação básica. Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas, [S. l.], v. 5, n. 3, 2018. DOI: 10.14393/issn2358-3703.v5n3a2018-07.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
CAP. ESEBA/UFU**



**PLANO DE CURSO / 2025**

**Componente Curricular: Ciências**

**Ano: 6º ano**

**Turma: A, B e C**

**Ciclo: 3º**

**Turno: Manhã**

**Docente(s): Prof. David Collares Achê**

**Coordenador(a) de Área de Conhecimento: Prof.<sup>a</sup> Ariane de Souza Siqueira**

**Assessor(a) Pedagógico(a): Prof. Daniel Santos Costa**

**Direção: Profa. Dra. Núbia Silvia Guimarães**

**OBJETIVO GERAL DO ANO DE ENSINO:**

Possibilitar aos/às estudantes compreender o funcionamento dos ecossistemas, entendendo o quanto as ações humanas impactam a natureza e como isso reflete em nossa qualidade de vida. Espera-se que no processo os/as estudantes sejam capazes de:

- Reconhecer a matéria no ambiente em seus diferentes estados físicos.
- Investigar as mudanças de estado físico da matéria.
- Identificar misturas na vida diária, com base em suas propriedades físicas observáveis, reconhecendo sua composição e classificando-as em homogêneas ou heterogêneas.
- Selecionar métodos mais adequados para a separação de diferentes sistemas a partir da identificação de processos de separação de materiais.
- Selecionar argumentos que justifiquem a importância da cobertura vegetal para a manutenção do ciclo da água, a conservação dos solos, dos cursos de água e da qualidade do ar atmosférico.
- Identificar os principais usos da água e de outros materiais nas atividades cotidianas para discutir e propor formas sustentáveis de utilização desses recursos.
- Construir propostas coletivas para um consumo mais consciente e criar soluções tecnológicas para o descarte adequado e a reutilização ou reciclagem de materiais consumidos na escola e/ou na vida cotidiana.
- Identificar os fatores bióticos e abióticos de um ecossistema.

- Compreender a importância dos componentes da biosfera e das interações estabelecidas entre eles para a existência da vida na Terra, de forma a superar o modelo de uso indevido dos recursos naturais.
- Avaliar como os impactos provocados por catástrofes naturais ou mudanças nos componentes físicos, biológicos ou sociais de um ecossistema afetam suas populações.
- Analisar e construir cadeias alimentares simples, reconhecendo a posição ocupada pelos seres vivos nessas cadeias e o papel do Sol como fonte primária de energia na produção de alimentos.
- Reconhecer a participação do ser humano nas cadeias alimentares e como elemento modificador do ambiente.
- Relacionar a participação de fungos e bactérias no processo de decomposição, reconhecendo a importância ambiental deste processo.
- Descrever a composição e a estrutura do Sistema Solar (Sol, planetas rochosos, planetas gigantes gasosos e corpos celestes menores), assim como a localização do Sistema Solar na nossa Galáxia (a Via Láctea) e dela no Universo (apenas uma galáxia dentre bilhões).
- Identificar a localização do planeta Terra no Universo.
- Associar os movimentos cíclicos da Lua e da Terra aos períodos de tempo regulares e ao uso desse conhecimento para a construção de calendários em diferentes culturas.
- Associar o movimento diário do Sol e das demais estrelas no céu ao movimento de rotação da Terra. ● Concluir sobre a periodicidade das fases da Lua, com base na observação e no registro das formas aparentes da Lua no céu.
- Conhecer dispositivos para observação à distância (luneta, telescópio) e discutir usos sociais desses dispositivos.
- Justificar, por meio da construção de modelos e da observação da Lua no céu, a ocorrência das fases da Lua e dos eclipses, com base nas posições relativas entre Sol, Terra e Lua.
- Representar os movimentos de rotação e translação da Terra e analisar o papel da inclinação do eixo de rotação da Terra em relação à sua órbita na ocorrência das estações do ano, com a utilização de modelos tridimensionais.
- Identificar as diferentes camadas que estruturam o planeta Terra (da estrutura interna à atmosfera) e suas principais características.
- Descrever o mecanismo natural do efeito estufa, seu papel fundamental para o desenvolvimento da vida na Terra, discutir as ações humanas responsáveis pelo seu aumento artificial (queima dos combustíveis

fósseis, desmatamento, queimadas) e selecionar e implementar propostas para a reversão ou controle desse quadro.

- Justificar a importância da camada de ozônio para a vida na Terra, identificando os fatores que aumentam ou diminuem sua presença na atmosfera, e discutir propostas individuais e coletivas para sua preservação.

## **CONTEÚDO/EIXO/TEMA:**

### **1º TRIMESTRE (26 de fevereiro a 30 de maio)**

Em um primeiro momento, serão realizadas ações para auxiliar os/as estudantes a se ambientarem ao ambiente e à rotina escolar, através da organização do caderno e estabelecimento de regras de convivência, organização e biossegurança, considerando o atual contexto pandêmico. Além disso, serão propostas atividades para relembrar os conceitos de astronomia, trabalhados ao final do ano letivo de 2021, para que seja possível dar continuidade aos estudos sobre esse tema, que se estende do 5º ao 6º ano. No primeiro trimestre, serão trabalhados aspectos relacionados à astronomia e atmosfera, destacando-se sua importância e os ciclos da natureza em cada contexto. Os assuntos serão tratados conforme proposto no PCE da área de Ciências da Natureza:

#### **1. Terra e Universo**

##### **3.1. Astronomia: o estudo do céu**

###### **3.1.1. Estudo do céu: corpos celestes**

###### **3.1.2. A Terra no espaço**

###### **3.1.3. Movimentos da Terra e Lua**

###### **3.1.1. Rotação e Translação**

###### **3.1.2. Movimentos da Terra e as estações do ano**

##### **3.2 Lua: satélite natural da Terra**

##### **3.3 Fenômenos celestes**

###### **3.3.1 Eclipses solares e lunares**

##### **3.5. Formato e estrutura da Terra**

#### **2. Matéria e Energia**

##### **2.1 Atmosfera: mistura de gases**

###### **2.1.1 Importância da atmosfera**

###### **2.1.2 Camadas da atmosfera**

- 2.1.3 Propriedades do ar
- 2.1.4 Poluição atmosférica
- 2.1.5 Consumo consciente

## **2º TRIMESTRE (02 de Junho a 19 de setembro)**

No segundo trimestre, em continuidade aos estudos sobre a composição terrestre, serão realizados estudos referentes à composição e funcionamento da hidrosfera e da litosfera, com enfoque nos ciclos e no uso e conservação desses recursos:

### **2.2 Hidrosfera**

- 2.2.4 Água: estados e suas transformações físicas
- 2.2.5 Ciclo da água
- 2.2.6 Misturas homogêneas e heterogêneas
- 2.2.7 Separação de misturas
- 2.2.8 Impactos socioambientais das ações humanas nos ecossistemas
- 2.2.9 Pegada hídrica e água virtual

### **2.3 Litosfera**

- 2.3.4 Constituição da litosfera
- 2.3.5 Formação, uso e conservação do solo

## **3º TRIMESTRE (22 de setembro à 14 de janeiro 2022)**

No terceiro trimestre, serão abordados temas associados as condições necessárias para a sobrevivência das populações nos ecossistemas, bem como o fluxo de matéria e energia através das cadeias e teias alimentares:

### **3. Vida e Evolução**

- 3.1. Condições para a vida no planeta Terra: fatores bióticos e abióticos
- 3.2. Cadeias e teias alimentares
- 3.3. Fotossíntese e a produção de alimentos
- 3.4. Decomposição e a reciclagem da matéria

## PROCEDIMENTOS E METODOLOGIA DE ENSINO

### (recursos pedagógicos, estratégias metodológicas)

Os procedimentos e metodologia de ensino em Ciências da Natureza são pautados nos princípios da Alfabetização científica, entendida em seus múltiplos aspectos. Tais princípios, compreendem desde a compreensão de conceitos e conhecimentos, da constituição social e histórica da ciência, à compreensão de questões referentes às aplicações da ciência e às implicações sociais, ambientais e éticas relativas à utilização e produção de conhecimentos científicos. Para além desses aspectos, engloba ainda a tomada de decisões frente a questões de natureza científica e tecnológica uma perspectiva capaz de estimular o pensamento crítico, a indagação, a argumentação científica, a capacidade de raciocínio e de resolução de problemas. Nesse sentido, são propostas atividades que agucem e reforcem a curiosidade, o gosto pela participação e o desejo de aprender por parte dos/as estudantes, almejando o desenvolvimento e aperfeiçoamento das habilidades e competências relacionadas à postura de indagação a respeito dos fenômenos cotidianos.

### MATERIAIS, ESPAÇOS, RECURSOS TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação)

Nas aulas e atividades de Ciências serão utilizados diferentes espaços escolares, como os laboratórios de Ciências, biblioteca, bosque etc. Dentre os diferentes recursos a serem utilizados, destacam-se o uso do livro didático, bem como da plataforma Microsoft Teams para compartilhamento de informações e comunicação com os/as estudantes, o uso de site de própria autoria para o compartilhamento de textos, vídeos e imagens, jogos e atividades lúdicas digitais em sites (Kahoot, Nearpod, Wordwall etc.), uso de animações e aplicativos, apresentação de modelos 3D (virtuais ou concretos), experimentos investigativos, visitas virtuais à diferentes ecossistemas e espaços de educação não-formais, como museus e estações de tratamento de água e esgoto.

### PROPOSTAS DE TRABALHO AVALIATIVO

A avaliação do processo de aprendizagem será formativa e continuada, realizada a partir de instrumentos, como os relatórios de experimentos, produção de textos, desenhos, avaliações físicas e/ou on-line dissertativas e/ou de múltipla escolha, jogos e atividades lúdicas on-line, auto avaliações, avaliações diagnósticas, além da observação da participação e dos apontamentos feitos pelos estudantes durante as aulas.

### REFERÊNCIAS

1. CANTO, Eduardo Leite do, CANTO, Laura Celloto. **Ciências Naturais: Aprendendo com o cotidiano**. 6ª ed. São Paulo. 2018.
2. MARQUES, Talita Martins Faria. **Ciências da Natureza**. Disponível em: <https://sites.google.com/view/ciencias-6ano-2021/p%C3%A1gina-inicial>. Acesso em: 02 mar. 2022.



Digitally signed by David  
Collares Ache:38231579818  
Reason: I attest to the accuracy  
and integrity of this document  
Date: 2025.05.08  
15:53:51  
-03'00'





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
CAP. ESEBA/UFU**



**PLANO DE CURSO / 2025**

**Componente Curricular:** Educação Física

**Ano:** 2025

**Turma:** 6ABC

**Ciclo:** 3º

**Turno:** Manhã

**Docente(s):** Cleber Garcia Casagrande / Sumaia Barbosa Franco Marra / Viclele Sobreira

**Coordenador(a) de Área de Conhecimento:** Viclele Sobreira

**Assessor(a) Pedagógico(a):** Daniel Santos Costa

**Direção:** Profa. Dra. Núbia Silvia Guimarães

**OBJETIVO GERAL DO ANO DE ENSINO:**

1. Ampliar o conceito, o papel e a função da Educação Física na escola diferenciando-a da Educação Física fora da escola.
2. Apresentar atitudes adequadas ao ambiente escolar, respeitando as regras pré-estabelecidas e construídas coletivamente.
3. Identificar e contribuir na construção e aplicação de princípios éticos de convivência, respeitando as diversidades de conhecimentos, etnia, gênero, biotipo, classes sociais e habilidades técnicas.
4. Perceber os limites e as possibilidades do próprio corpo e do corpo do outro.
5. Interpretar os códigos de linguagem presentes na cultura corporal vivenciados – brincadeiras e jogos, esporte e dança - por meio da identificação, conceituação e diferenciação de seus elementos constitutivos.
6. Explorar, reproduzir, adaptar, modificar e/ou criar diferentes possibilidades de movimentos com e sem materiais, em diferentes tempos e espaços, com regras adaptadas e oficiais, com aprofundamento dos níveis de dificuldade e complexidade, presentes em cada código de linguagem – brincadeiras e jogos, esporte e dança.
7. Identificar e reconhecer a influência das diferentes manifestações culturais (de origens africanas, asiáticas, indígenas e europeias) na constituição dos códigos de linguagem vivenciados e na cultura brasileira.
8. Aprimorar as valências físicas (coordenação motora, lateralidade, ritmo, velocidade, agilidade, resistência, força, potência, equilíbrio e flexibilidade) a partir dos movimentos específicos de cada código de linguagem.

9. Utilizar e desenvolver habilidades cognitivas, criativas, relacionais, dialógicas e emocionais para enfrentar e superar os desafios presentes nas situações cotidianas de maneira autônoma, reflexiva e crítica.
10. Realizar pesquisas e socializá-las com os colegas, aprimorando sua capacidade de coletar e analisar os dados empíricos.
11. Dialogar sobre suas percepções, emoções, sentimentos e conflitos com os colegas, na perspectiva de intervir nas relações e na realidade escolar.
12. Apresentar atitudes e comportamentos que valorizem a cooperação, a solidariedade, a interação, o envolvimento e a participação.
13. Agir comunicativamente dialogando entre seus pares e com o grupo, aprimorando as habilidades de questionar criticamente, saber ouvir e saber falar, valorizar e reconhecer as ideias dos colegas e mediar seu interesse com o interesse do coletivo.
14. Manifestar corporalmente, verbalmente e por escrito suas vivências, sensações e sentimentos.
15. Demonstrar interesse pela prática de atividade física fora da escola.
16. Avaliar sua participação, a participação de sua turma, os conteúdos ministrados e propor ações a serem analisadas e definidas coletivamente.
17. Participar da tomada de decisões na organização e realização de eventos esportivos.

**CONTEÚDO/EIXO/TEMA:**

PERÍODO / RODÍZIO	TURMAS CICLADAS	EIXO TEMÁTICO E TEMAS	PROFESSOR(A)
10/03	TODAS	<b>ESCOLA E EDUCAÇÃO FÍSICA</b>	Cleber Sumaia Vickele
<b>1º Período</b> 17/03 – 05/05	<b>1</b> e <b>4</b>	ESPORTE (Handebol) JOGOS (Jogos Não Tradicionais)	<b>CLEBER</b>
	<b>2</b> e <b>5</b>	ESPORTE (Voleibol) DANÇA (Estilos de Dança)	<b>SUMAIA</b>
	<b>3</b> e <b>6</b>	ESPORTE (ESPORTE (Tênis de Mesa/ Tênis de Mesa Adaptado/ Goalball))	<b>VICKELE</b>
<b>2º Período</b> 12/05 – 14/07	<b>1</b> e <b>4</b>	ESPORTE (ESPORTE (Tênis de Mesa/ Tênis de Mesa Adaptado/ Goalball))	<b>VICKELE</b>
	<b>2</b> e <b>5</b>	ESPORTE (Handebol)	<b>CLEBER</b>

		JOGOS (Jogos Não Tradicionais)	
	3 e 6	ESPORTE (Voleibol) DANÇA (Estilos de Dança)	SUMAIA
3º Período 04/08 – 29/09	1 e 4	ESPORTE (Voleibol) DANÇA (Estilos de Dança)	SUMAIA
	2 e 5	ESPORTE (ESPORTE (Tênis de Mesa/ Tênis de Mesa Adaptado/ Goalball)	VICKELE
	3 e 6	ESPORTE (Handebol) JOGOS (Jogos Não Tradicionais)	CLEBER
4º Período 06/10 – 01/12	TODAS	ORGANIZAÇÃO DOS JOGOS INTERNOS (JOGIN)	TODOS
5º Período 08/12 - 15/12	TODAS	EVENTO – JOGIN - Avaliação JOGIN e aulas 2025	Coordenação: Vickele  Apoios: Cleber, Sumaia

## ESCOLA E EDUCAÇÃO FÍSICA

1. Conceito de Escola e Educação Física;
2. Função social e finalidade da Educação Física na escola;
3. Princípios e regras de convivência na escola e nas aulas de Educação Física;
4. Apresentação da equipe docente, eixos temáticos e temas;
5. Critérios e dinâmicas para formação e avaliação das turmas cicladas.

## ESPORTE

### Handebol, Voleibol, Tênis de Mesa, Tênis de Mesa Adaptado, Goalball:

1. História, regras, características gerais, espaço de jogo, gestos de arbitragem;
2. Iniciação esportiva (aspectos técnicos e táticos);
3. Esporte como fenômeno social (megaeventos; capitalismo; questão de gênero; preconceitos; inclusão; diferenças entre Olimpíadas e Paralimpíadas);
4. Competição (princípios democráticos; organização e estrutura; funções sociais relacionadas ao Esporte).

## JOGOS

### Jogos Não Tradicionais:

1. Conceito de Jogos Tradicionais e Não Tradicionais;
2. Habilidades e competências dos diversos Jogos Não Tradicionais.

## **DANÇA**

### **Estilos de Dança:**

1. Conceitos e definições dos elementos constitutivos da dança: Movimento, Espaço e Tempo;
2. Diferença entre estilos de Dança e estilos de Música;
3. Estilo de Dança presentes no nosso contexto sociocultural;
4. Elementos essenciais e acessórios: movimento, espaço, tempo, música, vestimenta, sentimento, sincronismo, criatividade, enredo, caracterização do espaço e coreografia.
5. Apreciação crítica de uma composição coreográfica.

### **DISCIPLINA OPTATIVA: PROJETO “ESPORTE ESCOLAR”**

### **Basquete, Voleibol e Ginástica Artística:**

1. Capacidades físicas (coordenação motora, lateralidade, ritmo, velocidade, agilidade, resistência, força, potência, equilíbrio e flexibilidade);
2. Iniciação e aprofundamento de modalidades esportivas;
3. Jogos reduzidos, usando diferentes materiais, com foco nas habilidades técnicas, capacidades coordenativas e táticas e diferentes modalidades esportivas;
4. Regras, fundamentos técnicos e táticos;
5. Gincanas esportivas;
6. Festivais esportivos;
7. Jogos-treino e competição escolar.

### **PROCEDIMENTOS E METODOLOGIA DE ENSINO (recursos pedagógicos, estratégias metodológicas)**

1. As aulas serão desenvolvidas com o objetivo de oferta da experimentação dos Eixos/Temas/ Conteúdos pelos discentes.
2. Será feito o processo de ciclagem das turmas, em que outras novas 06 turmas serão construídas em cada ciclo.
3. Processo educacional crítico e emancipatório; fundamentado em uma perspectiva dinâmico-dialógica e de valorização ao multiculturalismo crítico, procurando oportunizar aos estudantes Experiências de Aprendizagem Mediadas.
4. Aulas expositivas e vivenciais em diferentes espaços (sala de aula, quadras, campo, pista, pátio, anfiteatro, laboratório de informática).
5. Atividades físicas realizadas conjuntamente entre estudantes, professores e acadêmicos, sem e com utilização de materiais.
6. Sempre que possível, divisão das tarefas entre docente e estudantes (condução verbal das atividades, demonstração dos movimentos, tomada de tempos / medidas, feedbacks).
7. Estudo de materiais de estudo escrito e/ou vídeos; feedback e compilados; bem como recursos de perguntas e respostas objetivas ou dissertativas.

8. Trabalhos individuais e em grupos.

9. Construção e organização coletiva (por representatividade ou de forma ampliada) de uma competição esportiva que oportuniza a vivência de práticas democráticas e incentiva o desenvolvimento de habilidades instrumentais, sociais, comunicativas e emocionais.

### **MATERIAIS, ESPAÇOS, RECURSOS TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação)**

1. Materiais curriculares tradicionais e alternativos: bolas, cones, coletes, sinalizadores, redes, cronômetro, vendas, tecidos, colchonetes, colchões, solo, mesa de salto, caixa de som, microfone, fitas adesivas, barbantes.

2. Sala de aula, quadras, sala de ginástica, campo, pista, pátio, anfiteatro, espaços ao ar livre, laboratório de informática.

3. Atividades impressas, quadro, pincéis, projetor, slides, vídeos, Plataforma *MTeams*, *Google Forms*, internet, computador, tablet.

### **PROPOSTAS DE TRABALHO AVALIATIVO**

Trabalho avaliativo processual com avaliações diagnósticas, formativas e somativas, utilizando diversas ferramentas como:

1. aplicação de formulários com questões abertas e fechadas não apenas sobre os conteúdos, mas acerca de estratégias didáticas,
2. diálogos e observações constantes,
3. auto e heteroavaliações cooperativas constantes,
4. trabalhos individuais e em grupos.

### **REFERÊNCIAS**

ARANTES, I. P. **Competição esportiva escolar**: o caso dos “Jogos Internos” da ESEBA/UFU. Monografia – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2014. 107f.

CARNEIRO, S. C. L.; MOUCHBAHANI, V.. Handebol. In: **Coletânea de Atividades de Educação Física para o Ensino Fundamental**. Curitiba: Expoente, 2003.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO - ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **PARÂMETRO CURRICULAR DA ESEBA - Educação Física 2025**. Uberlândia, 2025.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Goalball**. < Goalball - CPB> . Acesso em: mar./ 2025.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Tênis de Mesa**. Disponível em: < Tênis de Mesa - CPB> . Acesso em: mar./ 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL DE SALÃO – CBFS. **Futsal** – Leis do Jogo 2025. Disponível em: < 294\_.pdf> . Acesso em: mar./ 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS DE MESA – CBTM. **Manual de Tênis de Mesa Brasil 2025**. Disponível em: < Manual do Tênis de Mesa - CBTM> . Acesso em: mar./2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL DE SALÃO – CBFS. **Futsal – Leis do Jogo 2025**. Disponível em: <[https://cbfs.com.br/cbfsadm/arquivos/Site/294\\_.pdf](https://cbfs.com.br/cbfsadm/arquivos/Site/294_.pdf)>. Acesso em: mar. 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS DE DEFICIENTES VISUAIS. **Goalball**. Regras. < Regras — CBDV> . Acesso em: mar. 2025.

DARIDO, Suraya C.; RANGEL Irene C. A. **Educação física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, Suraya C.; SOUZA JÚNIOR, Osmar M. **Para ensinar Educação Física**: possibilidades de intervenção na escola. Campinas, SP: Papirus, 2007.

GRAÇA, Amadeu José; OLIVEIRA, José Antonio. **Handebol**: da iniciação ao alto rendimento. São Paulo: Phorte, 2019.

GONZÁLEZ, Fernando J. BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória, ES: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

MASTER HANDEBOL CLUBE. **Sistema defensivo e ofensivo**. Disponível em: <[SISTENA DEFENSIVO E OFENSIVO](#)>. Acesso em: mar. 2025.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 2004.

LOVISOLO, H. Mediação: Esporte rendimento e esporte da escola. **Revista Movimento**. Porto Alegre, Ano VII, n. 15, p.107-117. 2001.

MAFFEI, Willer S. **Proposições teórico-metodológicas e práticas pedagógicas da educação física**. Ed. InterSaberes, 2019.

MOREIRA, E. C.; NISTA-PICCOLO, V. L. **O quê e como ensinar Educação Física na escola**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009.

MUNÕZ PALAFOX, G. H. et al. **A competição esportiva da escola como campo de vivência do exercício da cidadania participativa**: projeto político pedagógico em construção. Revista Brasileira de Ciência do Esporte. v.10, nº3, Maio, 1996, p. 279-287.

NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W.W. **Esporte como conhecimento e prática nos anos iniciais dos Ensino Fundamental**. São Paulo: Cortez, 2012(a).

NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W.W. **Esporte para a saúde nos anos finais dos Ensino Fundamental**. São Paulo: Cortez, 2012(b).

NISTA-PICCOLO, V. L.; TOLEDO, E. (Orgs.). **Abordagens Pedagógicas do Esporte**: modalidades convencionais e não convencionais. Campinas, SP: Papirus, 2014.

SANTOS, Mariana. Metodologias ativas no ensino do voleibol escolar. In: ALMEIDA, João (Org.). **Educação física escolar**: práticas pedagógicas e inovação. Rio de Janeiro: Appris, 2022. p. 120-140

SOARES, Ricardo. **Voleibol na escola**: ensino e aprendizagem para crianças e adolescentes. São Paulo: Phorte, 2019.

TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Edts.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

VENÂNCIO, Luciana; SANCHES NETO, Luiz. **Instrumentos e critérios no processo de avaliação em educação física escolar**: “errar é humano”, mas é fonte de aprendizagem. Instrumento, Juiz de Fora-MG, v. 21, n. 1, p. 58 73, 2019.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
CAP. ESEBA/UFU



PLANO DE CURSO / 2025

**Componente Curricular: FILOSOFIA**

**Ano: 6º**

**Turma: A, B e C**

**Ciclo: 3º**

**Turno: Matutino**

**DOCENTES: Karênina Milosevic**

**Coordenador de Área de Conhecimento: Luciana Xavier de Castro**

**Assessora Pedagógica: Daniel**

**Direção: Prof. Dra. Núbia Guimarães**

### OBJETIVO GERAL DO ANO DE ENSINO

No **terceiro ciclo**, no **sexto ano**, continuamos promovendo a construção coletiva do conhecimento e damos ênfase à capacidade de abstração do pensamento, com a “*Teoria das Ideias de Platão*” e outras teorias dos três principais filósofos gregos (Sócrates, Platão e Aristóteles). Finalizamos no referido ano, a História da Filosofia antiga. Proporcionamos também aos alunos, terem contato com temas como a *retórica*, oportunizado a arte de falar e se fazer entendido, além do *Método Socrático* de aprendizagem e organização do pensamento. Por fim, o pensamento lógico aristotélico, que é, até os dias atuais, reconhecidamente, a principal técnica de articulação lógica das ideias, o que contribui para o desenvolvimento global dos estudantes.

Com todas essas habilidades adquiridas, os (as) discentes já estarão preparados para pensar e falar sobre o momento em que estão vivendo, a **adolescência**. Assim, participam no **sétimo ano** do projeto interdisciplinar “*Adolescer*”, em que o tema central é a *Liberdade-Responsabilidade-Dever*, aos moldes *existencialistas* (de Jean Paul Sartre) e a *afetividade humana*, nas aulas conjuntas e alternadas com a Psicologia Escolar.

- **Ementa e Habilidades específicas:**

Imaginação/Pensamento Criativo e Abstrato/ Identidade

#### Similaridades e Diferenças:

- Comparações
- Símbolos
- Classificação
- Analogias
- Relações
- Metáforas
- Ambiguidades

### CONTEÚDO/EIXO/TEMA DE TRABALHO

**CONTEÚDO/EIXO/TEMA: O CONTEÚDO A SER DESENVOLVIDO É ANUAL, PORÉM, MINISTRADO A CADA SEMESTRE COM DUAS TURMAS DIFERENTES DE UMA MESMA SALA DE AULA.**

História da Filosofia antiga



- Os Sofistas (Retórica)
- Sócrates (Método Socrático)
- Platão (Vida e Obra)
- Epistemologia em Platão (Alegoria da Caverna, pensamento metafísico abstrato e epistemológico/

- Teoria das Ideias/ A “caverna dos dias atuais”, uma reflexão sobre o mundo virtual e as redes sociais.
- Aristóteles (Vida e Obra)
- As contribuições da filosofia Aristotélicas para a contemporaneidade.
- Metafísica e Epistemologia aristotélica
- O conceito de Ética em Platão e os dias atuais (busca das virtudes)
- O conceito de Ética em Aristóteles (A importância do equilíbrio em nossas ações).

#### **PROCEDIMENTOS E METODOLOGIA DE ENSINO**

- Atividades presenciais que valorizem e possibilitem a interação social; orientação e retorno das atividades enviadas.
- Atividades pedagógicas para construir a ponte entre o conteúdo formal, os conhecimentos prévios, a interação familiar e os conhecimentos/vivências construídos coletivamente em sala de aula.

#### **MATERIAIS, ESPAÇOS, RECURSOS TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação)**

- Caderno, lápis de escrever e colorir, borracha, caneta, régua.

#### **PROPOSTAS DE TRABALHO AVALIATIVO**

**O trabalho avaliativo será processual, e incluirá:**

- Participação nas discussões em sala de aulas;
- Atividades de registros escritos em sala de aula;

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução, estudo bibliográfico e notas Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2002.
- CHAI, Marilena. *Convite à Filosofia*. Editora Ática. 12ª Edição. 1999
- DANELON, M. (Org.); Gallo, S. (Org.); CORNELLI, G. (Org.) *Filosofia do Ensino de Filosofia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- KOHAN, Walter Omar. *Filosofia para crianças*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- KOHAN, Walter Omar (org.). *Políticas do ensino de filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Lugares da infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- KOHAN, Walter Omar; WUENSCH, Ana Míriam (orgs.). *Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lipman*. Vol. I. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
CAP. ESEBA/UFU



PLANO DE CURSO / 2025

**Componente Curricular: GEOGRAFIA**

**Ano: 6º**

**Turma: ABC**

**Ciclo: 3º**

**Turno: manhã**

**Docente(s):** Prof. Me. Marco Tulio Mendes Eterno

**Coordenador(a) de Área de Conhecimento:** Profa. Dra. Lidiane Aparecida Alves

**Assessor(a) Pedagógico(a):** Prof. Dr. Daniel Costa

**Direção:** Profa. Dra. Núbia Silvia Guimarães

**OBJETIVO GERAL DO ANO DE ENSINO:**

Conhecer a dinâmica do espaço natural e a relação transformadora dos seres humanos.

**CONTEÚDO/EIXO/TEMA:**

**1º TRIMESTRE**

**Tema 1: O Lugar e a Paisagem**

1. – As diferentes categorias da Geografia: lugar, espaço, território e região
2. – O que as paisagens nos revelam
- 1.3 – Paisagens naturais e culturais
- 1.4 – As paisagens e suas representações cartográficas

**2º TRIMESTRE**

**Tema 2: A dinâmica do relevo e do clima e a formação de diferentes paisagens terrestres**

- 2.1 – A formação e a transformação do relevo
- 2.2 – O relevo, suas formas e sua classificação
- 2.3 – Os recursos da litosfera e sua importância para a sociedade
- 2.4 – Tempo e Clima
- 2.5 – Elementos e fatores do clima
- 2.6 – Climas do Brasil
- 2.7 – O clima e sua influência na vida do ser humano
- 2.8 – Hidrografia: a dinâmica das águas continentais e subterrâneas

### **3º TRIMESTRE**

#### **Tema 2: A dinâmica do relevo e do clima e a formação de diferentes paisagens terrestres**

- 2.1 – A formação e a transformação do relevo
- 2.2 – O relevo, suas formas e sua classificação
- 2.3 – Os recursos da litosfera e sua importância para a sociedade
- 2.4 – Tempo e Clima
- 2.5 – Elementos e fatores do clima
- 2.6 – Climas do Brasil
- 2.7 – O clima e sua influência na vida do ser humano
- 2.8 – Hidrografia: a dinâmica das águas continentais e subterrâneas

#### **PROCEDIMENTOS E METODOLOGIA DE ENSINO (recursos pedagógicos, estratégias metodológicas)**

- Aulas expositivas dialogadas
- Leitura e interpretação de textos e outras linguagens (imagens, músicas, charges, notícias sobre o cotidiano)
- Abordagens sistêmicas sobre o conhecimento já adquirido pelos estudantes e construção de novos saberes
- Reforço nos conceitos básicos de Geografia
- Reforço na alfabetização cartográfica
- Confecção de mapas e outras representações cartográficas
- Registros diários no caderno
- Leitura da paisagem
- Observação e descrição
- Explicação e interação
- Territorialidade e extensão
- Representação do espaço (cartografia)
- Analogia, Atividade, Causalidade, Conexidade e Extensão de fenômenos geográficos (relação seres humanos & natureza)

#### **MATERIAIS, ESPAÇOS, RECURSOS TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação)**

- Livro didático
- Textos complementares
- Consultas e pesquisas na web
- Mapas, globo, maquetes
- Filmes, slides, músicas, fotos e outros materiais audiovisuais
- Uso corrente do LAPEG (Laboratório de Pesquisa e Ensino em Geografia) e de seus recursos
- Análise e interpretação de imagens de satélite e fotografias aéreas
- Google maps sensoriamento remoto, geoprocessamento e sistema de posicionamento global (GPS)
- Trabalho de campo, visitas técnicas

## PROPOSTAS DE TRABALHO AVALIATIVO

A avaliação será processual e feita a partir de diferentes possibilidades didático-pedagógicas:

- Duas provas individuais por trimestre;
- Avaliação de tarefas e registros diários;
- Seminários;
- Relatórios;
- Pesquisas;
- Confecção de materiais cartográficos;
- Auto avaliação.

## REFERÊNCIAS

### **Livro adotado:**

BOLIGIAN, Levon. Conexões & Vivências: Geografia. 1ª edição. São Paulo: Editora do Brasil, 2022.

### **Demais referências:**

LUCCI, Elian Alabi. Geografia: homem & espaço, 6º ano. 26ª ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

MOREIRA, Igor. Mundo da Geografia: 6º ano. Curitiba: Positivo, 2012.

RIBEIRO, Wagner Costa. Por dentro da Geografia, 6º ano. 3ª ed. – São Paulo: Saraiva, 2015.

TORREZANI, Neiva. Vontade de saber Geografia, 6º ano. 2ª ed. – São Paulo: FTD, 2015.

### **Outras fontes:**

Sites especializados em Geografia e Cartografia



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
CAP. ESEBA/UFU



PLANO DE CURSO / 2025

**Componente Curricular:** História

**Ano:** 6º ano

**Turma:** A, B e C

**Ciclo:** 3º

**Turno:** manhã

**Docente(s):** Prof. André Luis Bertelli Duarte

**Coordenador(a) de Área de Conhecimento:** Prof. Marcus Vinícius Furtado Oliveira

**Assessor(a) Pedagógico(a):** Prof. Daniel Santos Costa

**Direção:** Profa. Dra. Núbia Silvia Guimarães

**OBJETIVO GERAL DO ANO DE ENSINO:**

O conteúdo de História do 6º ano desenvolve aspectos ligados às transformações ocorridas nas sociedades humanas em função dos desenvolvimentos tecnológicos, com implicações nas relações de trabalho e consumo, e na ocupação dos espaços e territórios. **Há uma ênfase no processo histórico de ocupação e desenvolvimento do território americano e brasileiro.**

**CONTEÚDO/EIXO/TEMA:**

**Eixos integradores**

- Cidadania e alteridade / Historicidade / Cultura e linguagens / Política

**Eixos temáticos**

- Tecnologia / Trabalho e consumo / Deslocamentos e Migrações

**1º TRIMESTRE**

- Afinal, o que é Tecnologia?
- Desenvolvimento tecnológico e suas implicações na evolução dos ancestrais humanos:
  - a influência das técnicas no desenvolvimento físico e intelectual dos seres humanos.
- Usos e abusos da tecnologia: meio ambiente, saúde e economia.
- Ocupação e povoamento do planeta Terra;

## 2º TRIMESTRE

- o surgimento da capacidade de abstração: por que é importante imaginar? Arte rupestre.
- Tecnologia, relações de poder e dominação:
  - o surgimento da agricultura e as mudanças na vida social.
- O povoamento da América e do Brasil:
  - A chegada do ser humano à América.
  - Arqueologia e ocupação do território brasileiro: culturas e tecnologias.
- A sedentarização: os vales férteis e o surgimento de culturas alimentares.
- Relações de trabalho nos primeiros agrupamentos humanos;

## 3º TRIMESTRE

- desenvolvimento tecnológico e as guerras de conquista no mundo antigo.
- Relações sociais no mundo do trabalho: gênero e escravização no mundo antigo;
- Guerras de conquista no mundo antigo.

*Obs. As áreas que compreenderem que essa organização por trimestre não atende as suas especificidades, têm a liberdade de organizar por semestre ou anual.*

### **PROCEDIMENTOS E METODOLOGIA DE ENSINO (recursos pedagógicos, estratégias metodológicas)**

Do ponto de vista metodológico, a Área de História trabalha na perspectiva de que o conhecimento sobre o passado não se encontra dado e encerrado, mas é parte fundamental na construção dos sentidos do tempo presente, ou seja, o olhar para a ação dos homens, mulheres e crianças do passado procura responder a determinados questionamentos, angústias e sensações que fazem parte da sociedade atual, de sua necessidade em construir significados para suas práticas. Além disso, também se trabalha na perspectiva de que a própria construção do conhecimento histórico ocorre de maneiras distintas, a partir de diferentes pontos de vista, o que propicia a ampliação da capacidade interpretativa dos estudantes.

A elaboração de conhecimentos e interpretações sobre o passado, portanto, busca contribuir para o desenvolvimento subjetivo dos alunos e alunas, principalmente, de sua capacidade em compreender o mundo que os cerca, a diversidade cultural, as relações

socioeconômicas, a participação política etc, para que eles se percebam como sujeitos históricos responsáveis pela construção da realidade a qual pertencem.

No decorrer das aulas e dos temas que compõem os eixos temáticos do 6º ano, o professor utiliza diversos recursos pedagógicos, tais como textos, livros, revistas, vídeos educativos, filmes etc. Cabe ressaltar que a área de História opta pela não adoção de livro didático regular para os anos de ensino, de modo que o professor empresta os livros em ocasiões pontuais durante o ano letivo.

### **MATERIAIS, ESPAÇOS, RECURSOS TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação)**

Os materiais desenvolvidos e usados ao longo do ano visam estimular a autonomia e o protagonismo dos estudantes. Em diversos momentos, os próprios estudantes se tornam os responsáveis pela produção do material didático através de pesquisas orientadas (em tablet's e/ou computadores disponíveis no laboratório de Informática) e produções de textos e outros recursos textuais e visuais. Há também a disponibilidade do Laboratório de História (sala 1N304) para a realização de pesquisas e leituras no acervo documental/bibliográfico disponível.

### **PROPOSTAS DE TRABALHO AVALIATIVO**

A avaliação será processual e feita a partir de diferentes possibilidades didático-pedagógicas:

➤ Produção de texto; ➤ Interpretação de texto através da elaboração de desenho; ➤ Produção de texto através da interpretação de desenhos; ➤ Interpretação/produção de charge; ➤ Interpretação/produção de música; ➤ Interpretação/produção de poesia; ➤ Interpretação de documentos; ➤ Produção de História em Quadrinhos; ➤ Produção de jornal escrito; ➤ Organização de ideias em torno de um assunto através de questões dissertativas; ➤ Elaboração de maquetes e cartazes; ➤ Metodologias que utilizam linguagem oral: apresentação teatral, debates, seminários, outros; ➤ Pesquisa: entendemos a pesquisa como um estudo que pressupõe diferentes etapas: delimitação do tema a ser pesquisado, problematização e definição dos objetivos da pesquisa, levantamento e seleção das fontes, definição da metodologia a ser utilizada, análise dos dados e materiais, conclusões. Embora não tenhamos a prerrogativa de transformar os/as nossos/as alunos/as em historiadores profissionais, é possível lidar com os procedimentos acima descritos dentro das condições de reflexão, análise e abstração dos/as alunos/as; ➤ Provas.

### **REFERÊNCIAS**

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana”: uma



conversa com historiadores. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.21, n.41, janeiro-junho de 2008, p. 5-20.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998. 108 p.

FONSECA, Selva Guimarães. Caminhos da história ensinada. São Paulo: Papirus, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, pp. 305-327.

HARTOG, François. Regimes de Historicidade: presenteísmo e experiências no tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PERRENOUD, Phillipe. As Competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RICCI, Cláudia Sapag. Pesquisa como ensino. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

RÜSEN, Jörn. As três dimensões do aprendizado da formação histórica. In: História viva: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Ed. da UnB, 2007, pp. 103- 120.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. Ensinar história. São Paulo: Scipione, 2004.

TODOROV, Tzvetan. A Conquista da América: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1993.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
CAP. ESEBA/UFU



**PLANO DE CURSO / 2025**

**Componente Curricular:** Língua Estrangeira – Espanhol

**Ano:** 6º

**Turma:** A, B e C

**Ciclo:** 3º

**Turno:** Manhã

**Docente(s):** Quênia Côrtes dos Santos Sales

**Coordenador(a) de Área de Conhecimento:** Kássia Arantes

**Assessor(a) Pedagógico(a):** Daniel Costa

**Direção:** Profa. Dra. Núbia Silvia Guimarães

**OBJETIVO GERAL DO ANO DE ENSINO:**

Desenvolver as habilidades de compreensão escrita, compreensão oral, produção escrita e produção oral de elementos básicos da língua espanhola de forma a se comunicar minimamente e descrever a si mesmo e seu entorno. O parâmetro de referência adotado é o nível A1 de acordo com o Quadro Europeu comum de Referência para as Línguas (CEFR).

**CONTEÚDO/EIXO/TEMA:**

**1º TRIMESTRE (De 26/02 a 30/05/2025)**

- ✓ Alguns sons - pronúncia
- ✓ Cumprimentos e despedidas
- ✓ Agradecimentos
- ✓ Alfabeto
- ✓ Meses e estações do ano
- ✓ Dias da semana
- ✓ Números cardinais
- ✓ Aspectos culturais de países hispanos

**2º TRIMESTRE (De 02/06 a 19/09/2025)**

- ✓ Números cardinais
- ✓ Números ordinais
- ✓ Artigos definidos e indefinidos
- ✓ Objetos escolares
- ✓ Preposições de lugar

- ✓ Informação pessoal
- ✓ Países e nacionalidades
- ✓ Aspectos culturais de países hispanos

### **3º TRIMESTRE (De 22/09 a 22/12/2025)**

- ✓ Profissões
- ✓ Membros da família
- ✓ Horas
- ✓ Rotina
- ✓ Expressão de preferências
- ✓ Cores
- ✓ Aspectos culturais de países hispanos

### **PROCEDIMENTOS E METODOLOGIA DE ENSINO (recursos pedagógicos, estratégias metodológicas)**

- ✓ Aula expositiva
- ✓ Aula dialogada
- ✓ Atividades escritas e orais (individual, dupla ou grupos)
- ✓ Músicas
- ✓ Vídeos
- ✓ Jogos impressos e digitais
- ✓ Trabalhos de pesquisa (individual, dupla ou grupos)

### **MATERIAIS, ESPAÇOS, RECURSOS TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação)**

- ✓ Google Forms
- ✓ Slides
- ✓ Atividades de sites pedagógicos
- ✓ Atividades elaboradas pela docente
- ✓ Revistas e jornais.

### **PROPOSTAS DE TRABALHO AVALIATIVO**

A avaliação será processual e feita a partir de diferentes possibilidades didático-pedagógicas, como:

- Avaliação escrita individual sem consulta;
- Atividades de produção escrita, produção oral, compreensão oral e compreensão escrita realizadas individualmente e/ou em grupos;
- Atividades realizadas durante as aulas; e
- Atividades realizadas em casa.

### **REFERÊNCIAS**

Espacio Joven – Nivel A1. Madri: Edinumen, 2011.

Dicionários on-line

Observação: Para os estudantes público alvo da educação especial – PAEE, a proposta de trabalho considera o Plano de Desenvolvimento Individual – PDI.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
CAP. ESEBA/UFU**



**PLANO DE CURSO / 2025**

**Componente Curricular: Língua Estrangeira - Francês**

**Ano: 6º**

**Turma: A, B e C**

**Ciclo: 3º**

**Turno: Manhã**

**Docente(s): Selma Sueli Santos Guimarães**

**Coordenador(a) de Área de Conhecimento: Kássia Gonçalves Arantes**

**Assessor(a) Pedagógico(a): Daniel Costa**

**Direção: Profa. Dra. Núbia Silvia Guimarães**

**OBJETIVO GERAL DO ANO DE ENSINO:**

Desenvolver as habilidades de compreensão oral e escrita, produção oral e escrita de elementos básicos da língua francesa de forma a se comunicar minimamente e descrever a si mesmo e seu entorno. O parâmetro de referência adotado é o nível A1 de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas (CEFR).

**CONTEÚDO/EIXO/TEMA:**

**ANUAL**

- Alguns sons - pronúncia
- Cumprimentos e despedidas
- Agradecimentos
- Alfabeto francês
- Dias da semana
- Meses do ano e estações do ano
- Números cardinais (0 a 100)
- Tratamento formal e informal
- Artigos definidos e indefinidos
- Objetos escolares
- Preposições de lugar
- Informação pessoal
- Países e nacionalidades
- Profissões
- Membros da família
- Horas
- Rotina
- Expressões de preferência
- Cores

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aspectos culturais de países franceses</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>PROCEDIMENTOS E METODOLOGIA DE ENSINO</b> (recursos pedagógicos, estratégias metodológicas)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aulas expositivas</li> <li>• Aulas dialogadas</li> <li>• Atividades orais e escritas (individual, dupla ou grupos)</li> <li>• Músicas</li> <li>• Vídeos</li> <li>• Jogos concretos e digitais</li> <li>• Trabalho de pesquisa (individual, dupla ou grupos)</li> </ul>
<p><b>MATERIAIS, ESPAÇOS, RECURSOS TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Google Forms</li> <li>• Slides</li> <li>• Atividades de sites pedagógicos</li> <li>• Atividades impressas elaboradas e/ou adaptadas pela docente</li> <li>• Recortes de revistas e jornais</li> <li>• Imagens</li> <li>• Jogos de memória</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>PROPOSTAS DE TRABALHO AVALIATIVO</b></p> <p>A avaliação será processual e feita a partir de diferentes possibilidades didático-pedagógicas, tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliação escrita individual sem consulta;</li> <li>• Atividades de produção escrita, produção oral, compreensão escrita, compreensão oral realizadas individualmente ou em duplas;</li> <li>• Atividades realizadas durante as aulas;</li> <li>• Atividades realizadas em casa.</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>REFERÊNCIAS</b></p> <p>LOPES, Marie-José; LE BOUGNEC, Jean-Thierry. <b>Et toi ?</b> Niveau 1. Paris : Didier, 2007.</p> <p>AVOLI, Jelssa C. ; FAURY, Mára Lucia. <b>MICHAELIS</b>: dicionário escolar francês. 2ª. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.</p> <p>Dicionário on-line</p>

Observação: Para os estudantes público alvo da educação especial – PAEE, a proposta de trabalho considera o Plano de Desenvolvimento Individual – PDI.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
CAP. ESEBA/UFU



**PLANO DE CURSO / 2025**

**Componente Curricular:** Língua Portuguesa, Literatura e Produção de Textos

**Ano:** 6º

**Turma:** A, B e C

**Ciclo:** 3º

**Turno:** Manhã

**Docente(s):** Prof. Ma. Sarah P. dos Santos e Me. Diogo Novaes

**Coordenador(a) de Área de Conhecimento:** Profa. Ma. Karina Magno Brazorotto de Sá

**Assessor(a) Pedagógico(a):** Prof. Dr. Daniel Santos Costa

**Direção:** Profa. Dra. Núbia Silvia Guimarães

**OBJETIVOS GERAIS DO ANO DE ENSINO**

Na sociedade atual, as linguagens e os códigos multiplicam-se frente à profusão de textos que emergem dos meios de comunicação. O domínio dessas linguagens, como atividade cognitiva, sócio-histórica, ideológica e discursiva, é condição necessária à plena participação cidadã. Nessa perspectiva, o ensino de Língua Portuguesa deve desenvolver um trabalho com linguagens, possibilitando ao aluno interagir e agir por meio delas.

Para acompanhar esse contexto, os objetivos contemplados nesta proposta de ensino são, basicamente, desenvolver as competências de leitura e produção de textos orais e escritos. Por isso, a área de Língua Portuguesa da Escola de Educação Básica propõe auxiliar o aluno a ampliar competências linguístico-discursivas que, além de inseri-lo no contexto cultural, social e político, ainda possibilita-lhe compreender os discursos que circulam nos meios de comunicação, formular opiniões e utilizar a linguagem adequada a cada situação comunicativa.

Nessa perspectiva, os objetivos gerais dos docentes da Área estão organizados em três eixos: i) Leitura e Produção de Textos; ii) Estudos Linguísticos; iii) Estudos Literários.

**2.1 Primeiro eixo: Leitura e Produção de Textos**

Nesse eixo, estão incluídas as práticas relacionadas à linguagem oral, leitura e produção de textos.

**2.1.1 Linguagem Oral**

Para o exercício da linguagem oral é necessária uma atenção especial no que se refere ao ensino da língua, sobretudo daquela utilizada na esfera pública. Por isso, a proposta da Área contempla: i) a simulação de atividades que demandam o uso da linguagem formal em debates e

exposições orais para que o aluno tenha a oportunidade de aprender a utilizar essa linguagem e de manter seu ponto de vista durante sua apresentação; ii) a declamação de poesias em sala de aula e nas atividades anualmente propostas pela Área de Língua Portuguesa junto às atividades que integram o projeto Literatura à Mostra.

Tal atenção especial em relação à linguagem oral deve-se às diversas situações sociais de exercício da cidadania que se colocam fora dos muros da escola, como a entrevista de emprego, a busca de serviços, as tarefas profissionais, os encontros institucionalizados, a defesa de seus direitos e opiniões. Nesse sentido, os alunos serão avaliados à medida que forem capazes de responder às diversas exigências da fala e de adequação às características próprias de diferentes gêneros do oral.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004), “reduzir o tratamento da modalidade oral da linguagem a uma abordagem instrumental é insuficiente para capacitar os alunos a dominarem a fala pública demandada por tais situações”. Dessa forma, ensinar a linguagem oral é compreendê-la como atividade discursiva, como processo de interação verbal por meio do qual as pessoas se comunicam com as outras, utilizando textos – orais e escritos – organizados em gêneros. Portanto, um dos objetivos com esta proposta de ensino da linguagem oral é desenvolver com os alunos um processo de reflexão sobre a tomada da palavra publicamente como locutores e não apenas como interlocutores nas diversas práticas sociais (GOULART, 2005) para que possamos ampliar o desenvolvimento das competências linguísticas, discursivas e comunicativas dos alunos.

Nessa perspectiva, ao se acolher democraticamente as variações linguísticas empregadas pelos discentes, é preciso tomar como ponto de partida os conhecimentos linguísticos apresentados por eles a fim de promover situações que os incentivem a falar, ou seja, fazer uso da variedade de linguagem que eles empregam em suas relações sociais, mostrando que as diferenças de registro não constituem objeto de classificação (como demonstram pesquisas realizadas na Sociolinguística) e que é importante a adequação do registro nas diferentes instâncias discursivas.

Para se realizar este trabalho, pode-se planejar e desenvolver um trabalho com a oralidade que, gradativamente, permita ao aluno conhecer, usar também a variedade urbana de prestígio e entender a necessidade desse uso em determinados contextos sociais. É por meio do aprimoramento linguístico que o aluno será capaz de transitar pelas diferentes esferas sociais, usando adequadamente a linguagem tanto em suas relações cotidianas quanto nas relações mais complexas – no dizer de Bakhtin (1992) – e que exigem maior formalidade. Dessa forma, o aluno será exposto a diferentes situações de comunicação e, com isso, poderá desenvolver as habilidades de se posicionar criticamente diante de uma sociedade de classes, repleta de conflitos e contradições.

### **2.1.2 Leitura**

A leitura ocupa uma posição relevante diante do grafocentrismo presente na sociedade atual, por isso a escola tem a função de proporcionar ao aluno estratégias de ensino de leitura que o coloque em confronto com as implicações do ato de ler. Nesse sentido, a Área de Língua Portuguesa tem como objetivo principal desenvolver habilidades de modo a possibilitar aos alunos compreender/interpretar e analisar os suportes de diferentes gêneros pertencentes às variadas



esferas de utilização da língua, com o intuito de que os aprendizes compreendam as informações trazidas pelos textos e percebam os efeitos de sentido produzidos pelos recursos linguístico-discursivos utilizados no texto. Para tanto, a leitura, nessa perspectiva, é tida como um ato dialógico, interlocutivo.

Para concretizar esse objetivo, a Área de Língua Portuguesa, em sua proposta de ensino, não elege apenas uma concepção teórica de leitura. As estratégias de leitura dos textos contemplam desde as concepções clássicas de leitura como: a concepção estruturalista – leitura como decodificação, e a concepção cognitivista – leitura como interação (construção do sentido), até as concepções consideradas pós-modernas, como a concepção discursiva, e as relações entre leitura e novas tecnologias.

Com base nessas concepções teóricas, os docentes da Área elegem as Matrizes de Referência do SAEB e da Prova Brasil para orientar o trabalho metodológico de ensino de leitura. Essas matrizes são estruturadas em duas dimensões.

A primeira dimensão do conhecimento envolve os procedimentos de leitura; as implicações do suporte, do gênero e/ou do enunciador na compreensão do texto; relação entre textos; coerência e coesão no processamento do texto; relações entre recursos discursivos e efeitos de sentido e a variação linguística.

A segunda é a dimensão das competências que são trabalhadas no 2º ciclo – do 4º ao 6º ano. Tais competências são trabalhadas levando-se em consideração a dificuldade do texto de acordo com o ano de ensino. Elas são distribuídas em tópicos e fazem parte dos procedimentos explicitados em cada ano de ensino. São elas:

Tópico I – procedimentos de leitura: localizar informações explícitas em um texto; inferir o sentido de uma palavra ou expressão; inferir uma informação implícita em um texto; identificar o tema do texto; distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.

Tópico II – Implicações do suporte, do gênero e/ou do enunciador na compreensão do texto: interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto, dentre outros); identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.

Tópico III – Relação entre textos: reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que abordam o mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.

Tópico IV – Coerência e coesão no processamento do texto: estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade do texto; identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa; estabelecer relação causa/consequência entre parte e elementos do texto; estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios, dentre outros operadores discursivos.

Tópico V – Relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido: identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados; identificar o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações.

Tópico VI – Variação linguística: identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

É preciso considerar, na sala de aula, a necessidade de analisar, nas atividades de interpretação e compreensão de um texto, os conhecimentos de mundo do aluno, os

conhecimentos linguísticos, o conhecimento da situação comunicativa, dos interlocutores envolvidos, dos gêneros e suas esferas, do suporte em que o gênero está publicado, de outros textos (intertextualidade). Para Koch (2003, p. 24), o trabalho com esses conhecimentos realiza-se por meio de estratégias:

- cognitivas: como as inferências, a focalização, a busca da relevância;
- sociointeracionais: como preservação das faces, polidez, atenuação, atribuição de causas a (possíveis) mal-entendidos, dentre outras;
- textuais: conjunto de decisões concernentes à textualização, feitas pelo produtor do texto, tendo em vista seu “projeto de dizer” (pistas, marcas, sinalizações).

Além de todas essas competências que são trabalhadas por meio dos textos físicos, a Área de Língua Portuguesa contempla em sua proposta de ensino a leitura na perspectiva das novas tecnologias. No ambiente digital, o tempo, o ritmo e a velocidade de leitura mudam. Além dos *hiperlinks*, no hipertexto há movimento, som, diálogo com outras linguagens.

Assim, uma nova escrita surge e surgem novas maneiras de com ela interagir, isto é, de ler: leitura em cascata ou arborescente, a-linear, leitura de verdadeiros hipertextos (CORACINI, 2005, p.34). O hipertexto, conforme Lévy (1996), configurado em redes digitais, desterritorializa o texto, deixando-o sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível. Esse texto assim constituído é dinâmico, está sempre por se fazer, o que implica realizar com o aluno um trabalho de organização, seleção, associação, contextualização de informações e, conseqüentemente, de expansão de um texto em outros ou a partir de outros. Além disso, o trabalho de leitura na perspectiva das novas tecnologias visa levar o aluno a descobrir, durante a leitura, os sentidos múltiplos e a plurilinearidade do texto hipermediático.

Portanto, é na dimensão dialógica e discursiva que a leitura precisa ser trabalhada e experienciada pelos alunos. O reconhecimento das vozes sociais e das ideologias presentes no discurso, com base nas teorizações de Bakhtin, ajudam na construção de sentido de um texto e na compreensão das relações de poder a ele inerentes.

### 2.1.3 Produção de Textos

Em relação à escrita, é preciso atentar para o fato de que as condições em que a produção acontece determinam o texto. Assim, é importante que o professor desenvolva uma prática de escrita escolar que considere o leitor, uma escrita que tenha um interlocutor e finalidades, para então se decidir sobre o que será escrito, tendo visto que “a escrita, na diversidade de seus usos, cumpre funções comunicativas socialmente específicas e relevantes” (ANTUNES, 2003, p. 47).

Além disso, cada gênero discursivo tem suas peculiaridades: a *composição*, a *estrutura* e o *estilo* variam conforme se produza um poema, um bilhete, uma receita, um texto de opinião ou de divulgação científica. Essas e outras composições precisam circular na sala de aula em ações de uso, e não a partir de conceitos e definições de diferentes modelos de textos.

O aprimoramento da escrita é contínuo e faz-se a partir da produção de diferentes gêneros, por meio das experiências sociais, tanto individual quanto coletivamente vividas. Além disso, por meio da reescrita dos textos produzidos pelos alunos, prática desenvolvida pelos docentes da Área, podem ser selecionadas atividades que reflitam e analisem os seguintes aspectos:

- discursivos (argumentos, vocabulário, grau de formalidade do gênero);

- textuais (coesão, coerência, modalizadores, operadores argumentativos, ambiguidades, intertextualidade, processo de referenciação);
- estruturais (composição do gênero proposto para a escrita/oralidade do texto, estruturação de parágrafos);
- normativos (ortografia, concordância verbal/nominal, sujeito, predicado, complemento, regência verbal/nominal, vícios da linguagem, dentre outros).

No que se refere, ainda, à produção textual, os docentes da Área têm a concepção de que é preciso planejar e desenvolver atividades que possibilitem aos alunos a reflexão sobre seu próprio texto, tais como atividades de revisão, de reestruturação ou refacção, de análise coletiva de um texto selecionado e sobre outros textos de diversos gêneros que circulam no contexto escolar e extraescolar.

## **2.2 Segundo eixo: Estudos Linguísticos**

A análise linguística é uma prática didática complementar às práticas de leitura, oralidade e escrita, faz parte do letramento escolar, visto que possibilita “a reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais e textuais/discursivos que perpassam os usos linguísticos, seja no momento de ler/escutar, de produzir textos ou de refletir sobre esses mesmos usos da língua” (MENDONÇA, 2006, p. 204).

Essa prática abre espaço para as atividades de reflexão dos recursos linguísticos e seus efeitos de sentido nos textos. Antunes (2007, p. 130) ressalta que o texto é a única forma de se usar a língua: “A gramática é constitutiva do texto, e o texto é constitutivo da atividade da linguagem. [...] Tudo o que nos deve interessar no estudo da língua culmina com a exploração das atividades textuais e discursivas”.

Considerando a interlocução como ponto de partida para o trabalho com o texto, os conteúdos gramaticais devem ser estudados a partir de seus aspectos funcionais na constituição da unidade de sentido dos enunciados. Daí a importância de considerar não somente a gramática normativa, mas também as outras, como a descritiva, a internalizada e, em especial, a reflexiva no processo de ensino de Língua Portuguesa.

Dessa forma, quanto mais variado for o contato do aluno com diferentes gêneros discursivos (orais e escritos), mais fácil será assimilar as regularidades que determinam o uso da língua em diferentes esferas sociais (BAKHTIN, 1992).

Tendo em vista que o estudo/reflexão da análise linguística acontece por meio das práticas de oralidade, leitura e escrita, descrevem-se, abaixo, alguns tópicos considerados pelos docentes da Área em relação a cada uma dessas práticas. Ressalta-se que, inicialmente, os docentes selecionam um gênero a ser trabalhado e, somente depois de discutir sobre seus aspectos composicionais, estruturais, de estilo, sobre seu conteúdo temático e o contexto de produção/circulação, irão preparar atividades para a exploração e análise das marcas linguístico-enunciativas.

### **2.2.1 Oralidade**

- as variedades linguísticas e a adequação da linguagem ao contexto de uso: diferentes registros, grau de formalidade em relação ao gênero discursivo;
- os procedimentos e as marcas linguísticas típicas da conversação (como a repetição, o uso das gírias, a entonação), dentre outros;
- as diferenças lexicais, sintáticas e discursivas que caracterizam a fala formal e a informal;
- os conectivos como mecanismos que colaboram com a coesão e coerência do texto, uma vez que tais conectivos são marcadores orais e, portanto, devem ser utilizados conforme o grau de formalidade/informalidade do texto.

### **2.2.2 Leitura**

- as particularidades (lexicais, sintáticas e textuais) do texto em registro formal e do texto em registro informal;
- a repetição de palavras (que alguns gêneros permitem) e o efeito produzido;
- o efeito de uso das figuras de linguagem (efeitos de humor, ironia, ambiguidade, exagero, expressividade, dentre outros);
- o léxico;
- a progressão referencial e sequencial no texto;
- os discursos direto, indireto e indireto livre na manifestação das vozes que falam no texto;
- a pontuação.

### **2.2.3 Escrita**

Por meio da reescrita do texto ou de partes do texto dos alunos, o professor seleciona atividades que reflitam e analisem os aspectos:

- discursivos (argumentos, vocabulário, grau de formalidade do gênero);
- textuais (coesão, coerência, modalizadores, operadores argumentativos, ambiguidades, intertextualidade, processo de referenciação).

Ainda nas atividades de leitura e escrita, no que se refere à análise linguística, partindo das sugestões de Antunes (2007, p. 134), ressaltam-se algumas propostas que focalizam o texto como parte da atividade discursiva, tais como a análise:

- dos recursos gráficos e efeitos de uso, como: aspas, travessão, negrito, itálico, sublinhado, parênteses, dentre outros;
- da pontuação como recurso sintático e estilístico em função dos efeitos de sentido, entonação e ritmo, intenção, significação e objetivos do texto;
- do papel sintático e estilístico dos pronomes na organização, retomada e sequenciação do texto;
- do valor sintático e estilístico dos modos e tempos verbais em função dos propósitos do texto, estilo composicional e natureza do gênero discursivo;

- do efeito do uso de certas expressões que revelam a posição do falante em relação ao que diz – expressões modalizadoras (ex: felizmente, comovedoramente, dentre outras);
- da associação semântica entre as palavras de um texto e seus efeitos para a coesão e coerência pretendidas;
- dos procedimentos de concordância verbal e nominal;
- da função da conjunção, das preposições, dos advérbios na conexão do sentido entre o que vem antes e o que vem depois em um texto.

Como afirma Antunes, “mesmo quando se está fazendo a análise linguística de categorias gramaticais, o objeto de estudo é o texto” (ANTUNES, 2003, p. 121).

Nessa perspectiva, o texto não serve apenas como pretexto para se trabalhar os aspectos gramaticais, na medida em que há ideologias, vozes, e utiliza-se de vários recursos que a língua possibilita. Por exemplo: ao se trabalhar com um texto pertencente a um gênero discursivo que se utiliza de muitos adjetivos, o aluno precisa perceber que “a adjetivação pode ser construída por meio de várias estratégias e recursos, criando diferentes efeitos de sentidos” (MENDONÇA, 2006, p. 211). Assim, o processo de adjetivação pode se dar por meio do uso de um verbo (como *esbravejou*) e não só pelo uso do adjetivo, conforme exemplifica Mendonça (2006). Compreender os recursos que o texto usa e os sentidos que ele possibilita construir é refletir com e sobre a língua, numa dimensão dialógica da linguagem.

### **2.3 Terceiro eixo: Estudos Literários**

Ensinar literatura na escola exige do professor um olhar que o faça compreender/receber o texto literário, não somente do ponto de vista de sua realidade material, sua criação artística e estética dada por sua expressão maior que é a escrita, como também do ponto de vista de sua recepção imersa numa sensível, rica e variada gama de configuração de sentidos. Assim, uma grande contribuição deste professor está em estabelecer, do ponto de vista da interpretação do texto literário e das experiências de leitura, relações entre leitura, leitor e obras que fundamentam os diferentes processos de interpretação e recepção do texto literário. Tomando como base algumas abordagens hermenêuticas da teoria literária e da estética da recepção, poderá refletir sobre realidades interpretativas e experiências de leitura que englobam novas concepções de interação entre obra e leitor, desempenhando importantes funções na compreensão do fato literário. Tais funções são tidas como recursos fundamentais e indispensáveis a esta interação, constituindo-se, assim, como diálogo efetivo entre cultura, conhecimento e informação.

Outro aspecto relacionado ao ensinar literatura diz respeito ao fato de a literatura entretecer-se também de ideologias, mais ou menos explicitadas em seu tecido. Nesse sentido, é importante que o professor seja um leitor atento e crítico, que não perca de vista seu papel na formação do acervo dos alunos e que valorize igualmente autores e títulos da literatura brasileira, africana e europeia. O professor pode e deve ampliar a formação estética dos alunos, cuidando para que a experiência de leitura literária seja favorecedora da humanização – como bem nos recomenda Candido (2002) no texto *A literatura e a formação do homem*.

Ao longo de várias décadas de experiência com o ensino de literatura, o professor pôde constatar o fato de que grande parte dos métodos utilizados para a interpretação do texto literário privilegia a adoção de procedimentos que antecipam o método à obra. Tais métodos, no entanto,

muitas vezes importantes, geralmente desconsideram outras funções da leitura que sensibilizam e aperfeiçoam a recepção do texto literário. De fato, ao longo de várias décadas, tornou-se facilmente observável, na grande maioria dos casos, um tipo de abordagem eminentemente analítica.

Por outro lado, a evolução dos estudos teóricos, literários e da recepção conduziu os pesquisadores a fundamentais indagações e afirmações sobre a recepção. Para Jauss (2002), a liberação da experiência estética pode se situar em planos que consideram a consciência como atividade produtora e receptora. Nesse sentido, a relação do sujeito com a obra constitui-se não como uma reflexão isolada, mas como fenômenos de identificação que se produzem na criação de sentidos que a experiência estética, não raro, proporciona.

Na mesma trajetória dessas reflexões, salientamos a contribuição de Marisa Lajolo. Para essa autora, algumas teorias da literatura, encontradas em vários manuais escolares contemporâneos, tendem a considerar a especificidade de um texto como imanente ao isolar elementos que explicitam sua literariedade. Entretanto, ressalta a autora, talvez não sejam essas teorias as que mais contribuam para a discussão sistemática e fundamentada das relações entre leitura, literatura e escola. Segundo Lajolo, para que essas relações sejam mais adequadas, há que se incluir o leitor e a prática de leitura na noção de literariedade. Dentre elas, pode-se destacar a de F. Fish que inscreve a literariedade de um texto na experiência de leitura (LAJOLO, 1993, p. 43).

A mediação da obra, nesse sentido, também deverá se constituir como um elemento fundamental para o estabelecimento de um diálogo que se alimenta não somente do ponto de vista do objeto mediado, mas também da linguagem articulada pelo leitor, em suas várias formas de expressão. Essa articulação entre objeto, linguagem e sujeito cria vínculos com o texto e com o ouvinte e deve ser compreendida como um espaço para a interpretação da palavra que se revela por vozes interiores e autônomas. Essas motivações, facilitadoras da compreensão dos sentidos do texto, fazem surgir esta voz interior como uma “dicção que é criada para exprimir as ideias do texto”. Assim, a função da leitura passa a existir como uma convivência que traz em si uma função comunicativa que se estabelece a partir de um texto escrito, preexistente, mas que não é o único canal de comunicação, uma vez que ele se articula com outros elementos como a voz, a dicção, a entonação.

Nesse sentido – e sem absolutamente propor discursos contra o método, muito ao contrário, tomando-o como fonte e origem para a formação de uma visibilidade estética – professores devem reavaliar sua função, seu efetivo alcance, sua abrangência cultural, tomando como base os diferentes aspectos que envolvem a experiência com a leitura literária e a consequente formação do conhecimento. Para atingir esses objetivos, no entanto, é necessária a adoção/compreensão de métodos que não rivalizem a atividade conceitual e a atividade imaginativa da experiência com a leitura. São necessários métodos que possibilitem leituras que abram campo para uma experimentação com acesso à interface, à interatividade proporcionada pelas múltiplas possibilidades de interpretação do texto. Nesses métodos deverão estar presentes atos de leitura fundados em uma razão comunicativa, enraizados na partilha da palavra, da voz e da obra que viabilizem, sobretudo, uma efetiva formação estética integrada ao conhecimento.

## CONTEÚDOS DO ANO DE ENSINO

### 6º ANO

#### Leitura e produção de textos:

- carta pessoal;
- receita de cozinha;
- resumo;
- resenha;
- entrevista;
- história em quadrinhos;
- outros gêneros complementares;
- descritores de leitura e interpretação preconizados pelo SAEB.

#### Estudos linguísticos:

- Estudo do vocabulário
  - sentido de palavras e expressões;
  - sinônimos e antônimos;
  - adequação do uso das palavras.
- Ortografia
  - regras de acentuação (oxítona, paroxítona e proparoxítona).
- Pontuação
  - emprego de pontuação para indicar expressividade da fala;
  - uso do vírgula, ponto final, ponto e vírgula, e dois pontos.
- Coesão
  - substituição de nomes;
  - pontuação;
  - paragrafação.
- Variação linguística
  - tipos de variação;
  - variantes linguísticas.
- Morfologia: Classes de palavras

#### Estudos literários:

- conto;
- lenda x mito;
- poema;
- romance;
- texto dramático;
- elementos da narrativa;
- rima e musicalidade;
- obras literárias (leitura livre e direcionada).

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• substantivo, artigo, adjetivo e numeral (revisão);</li> <li>• pronome (pessoal do caso reto, de tratamento, possessivo, demonstrativo, indefinido, interrogativo);</li> <li>• verbo (identificação dos três modos; verbos regulares do modo indicativo: flexão de pessoa, número e tempo, conjugações);</li> <li>• interjeição.</li> </ul>	
--	---	--

### PROCEDIMENTOS E METODOLOGIA DE ENSINO

Tendo em vista que a proposta da Área de Língua Portuguesa fundamenta-se em uma perspectiva sociointeracionista discursiva para o ensino da língua (BRONKART, 2003; DOLZ e SCHNEUWLY, 2004; GUIMARÃES et al., 2007; ROJO, 2009), as metodologias acompanham a abordagem da língua em uso. Isso implica em aulas cujos objetivos estejam voltados para a promoção dos letramentos múltiplos – letramentos escolares, sociais e midiáticos (Rojo, 2009) – necessários para a realização de práticas de leitura, escrita e oralidade significativas que possibilitem aos alunos (crianças, jovens e adultos da EJA) atuarem na sociedade de forma autônoma e protagonista. O que se pretende é que o aluno desenvolva capacidades e habilidades necessárias para os usos das linguagens (verbal, visual, gestual, multimodal) (KRESS, 2006). Para isso, é importante desenvolver o ensino da língua por meio de metodologias que possibilitem o uso dessas linguagens conforme seus propósitos interativos e comunicativos.

Para tanto, a proposta da Área de Língua Portuguesa prioriza as práticas de leitura e produção de textos (orais e escritos), as quais são pautadas pelos gêneros discursivos, conforme postulam os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs. Nessa perspectiva, o ensino dos aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, estilísticos, pragmáticos e, especialmente, discursivos são trabalhados em função do gênero discursivo escolhido, bem como das condições de produção e da esfera de circulação social. Em outras palavras, ensinar a língua é ensiná-la contextualmente, com finalidade sociointerativa e discursiva. Nesse processo, o aluno é sujeito ativo, com desenvolvimento de atitude responsiva ativa, e o professor é também sujeito e mediador nas variadas interações que o aluno estabelece com o conhecimento, com o outro e com o mundo.

Além disso, as aulas de Língua Portuguesa ainda contemplam:



**a) o ensino de ortografia**, privilegiando a variedade urbana de prestígio da língua, atrelado às práticas sociais de linguagem, utilizando, prioritariamente, os gêneros discursivos.

Sob essas condições são ensinadas regularidades e irregularidades da língua – princípios – no tocante à ortografia a fim de que o aluno, de posse desse conhecimento, consiga utilizá-lo quando for necessário. Um exemplo: é imprescindível trabalhar com o aluno a diferença entre fonema e grafema a fim de que ele saiba que, conforme convenção da língua, estabelecida arbitrariamente, um grafema pode ser representado por muitos fonemas e vice-versa. Por exemplo, o fonema /s/ pode ser representado graficamente por S, SS, SC, X, XC, C, dentre outras. Esse princípio o direcionará na resolução de questões ortográficas. Outro princípio é saber que a língua é uma convenção social e historicamente construída e, portanto, há vocábulos que fogem a regularidades e devem ser aprendidos por meio do uso. As dúvidas ortográficas, nesses casos, devem ser esclarecidas por meio de um dicionário e/ou com a observação em textos-fonte formais.

Assim, atividades que priorizem uma reflexão sobre a forma padrão de escrita das palavras permitem maior desenvoltura ortográfica para o aluno, o que culminará em uma segurança para a escrita. Atividades que contemplem o raciocínio indutivo, por exemplo, são aconselhadas para o pensar ortograficamente. Exemplo: ao trabalhar a diferença entre G e J, os alunos são induzidos a refletirem quando usarão uma ou outra letra. Palavras com G e J deverão ser expostas aos discentes e estes deverão reuni-las conforme relações semelhantes ou não entre elas. Depois, deverão refletir sobre o porquê de estarem agrupadas ou não e chegarem a conclusões sobre o uso da diferença ortográfica entre G e J.

Trabalhar a ortografia levando em consideração o funcionamento da língua, na perspectiva dos gêneros discursivos, possibilita mostrar para o aluno que G e J possuem identidade fônica, por isso,

é fundamental considerar o princípio de diferencial constitutivo do funcionamento da língua. O valor de uma forma significativa gráfica e/ou fônica se dá através das relações sintagmáticas. É isto que nos permite dizer que as formas G e J ou quaisquer outras não têm valor em si mesmas, nem em uma correspondência direta entre o oral e gráfico, mas nas relações com o que se tem antes e o que há depois e como as posições que esses elementos podem assumir (CALIL, 2007, p. 91).

Nesse sentido, para além dos princípios e atividades reflexivas que acompanham o ensino da ortografia, ler e escrever sistematicamente são fundamentais. No tocante às produções escritas, a reescrita é prática assídua da área de Língua Portuguesa, porque prioriza o momento de readequação da escrita às convenções ortográficas estabelecidas. Para isso, os textos são produzidos e os professores os corrigem. A correção contém indicações de inadequações ortográficas. O professor pode ou não mostrar a forma convencionada de escrita. A partir dos apontamentos do professor, o aluno, obrigatoriamente, reescreve o texto, corrigindo o que lhe for solicitado. Caso haja dúvidas do aluno em relação ao apontamento do professor quanto à inadequação, o professor conduz o aluno a pensar sobre o problema de modo que o próprio discente apresente solução. Com isso, são produzidas versões dos textos originais. Por meio das

produções textuais, o professor consegue identificar os problemas recorrentes, individuais e coletivos, o que lhe possibilita elaborar estratégias de trabalho.

Quanto à nota, as inadequações ortográficas são penalizadas, especialmente, nas avaliações formais. Para o 4º, 5º e 6º anos (II ciclo), a cada 6 inadequações ortográficas, o aluno perde 0,1 ponto. Também estabelecemos um limite de penalização conforme a situação, variando em até dez por cento do valor da atividade. Essa prática induz o aluno a ter mais atenção com relação ao seu processo de escrita, contribuindo para diminuir a falta de atenção e para instigá-lo a buscar a forma ortográfica convencionalizada.

A Área acredita, ainda, que a aquisição de habilidades ortográficas convencionais deve ser propiciada não apenas nas aulas de Língua Portuguesa, mas também nas de outras áreas de ensino, que trabalham com e por meio da língua. Recomenda-se, entretanto, aos docentes, nas situações de correção, que o uso inadequado da variedade urbana de prestígio não enseje a retirada do direito de uso da língua por todos os seus usuários nem seja usado como fator de preconceito ou rotulação pejorativa.

Em relação ao ensino de ortografia, é importante desenvolver atividades lúdicas, tais como bingo ortográfico, ditado, atividades de fixação ortográfica, além das produções de textos escritos mencionadas acima e da reescrita dessas produções.

**b) o ensino da escrita**, privilegiando a posição autoral do aluno com relação ao que produz.

Partindo da necessidade de promover nos alunos a autonomia e o protagonismo, o ensino da escrita elege metodologias que lhes permitam ser sujeito de seu discurso, minimizando a reprodução. São atividades que contemplam um planejamento prévio com base em um propósito sociointeracional, comumente, associado ao uso de um gênero discursivo.

Nesse sentido, antes da produção, os alunos são apresentados ao gênero trabalhado de modo que identifiquem seu propósito, sua constituição (estrutura composicional, temática e estilo) e reconheçam no objeto de ensino posições sociais e ideológicas. Atividades sistematizadas para essa apresentação são divididas em módulos (sequências didáticas) a fim de que, com relação ao conteúdo, objetivos pontuais sejam alcançados progressivamente até o objetivo global do ensino do gênero. Somente após o conhecimento do gênero trabalhado, o aluno é motivado a produzir. Essa produção é feita com base nas atividades modulares desenvolvidas com os discentes. À sua produção são feitas considerações dos professores sobre os aspectos da construção do gênero, tais como os que buscam alertar os alunos sobre as características determinantes do gênero produzido. Por isso, a reescrita também é prática constante na produção de textos, para oportunizar ao aluno a adequação do texto ao contexto de uso.

Por exemplo, com relação ao ensino de artigo opinativo, as etapas que antecedem a culminância – produção do texto – são previamente elaboradas de modo que o aluno: 1) entenda a finalidade do gênero; 2) conheça os possíveis lugares sociais em que esse gênero aparece e por quê; 3) leia exemplares diversos do mesmo gênero; 4) confronte esses exemplares de modo que estabeleça características recorrentes e particulares; 5) identifique posições socioideológicas. Depois dessas etapas, que são organizadas por meio de atividades de ensino, os alunos produzem o texto escrito que terá novas reedições, conforme necessidade pontuada pelo professor.

Outras práticas constantes do ensino da escrita na área de Língua Portuguesa dizem respeito i) ao texto coletivo; ii) correção coletiva e iii) correção por pares. Quanto ao texto coletivo,

a produção escrita permite que o aluno se sinta descontraído o suficiente para permitir-se participante da produção assim como para partilhar de sua criatividade. Os textos coletivos também oportunizam aos alunos o respeito às colocações de seus pares e à organização de ideias que, em um primeiro momento, parecem desconexas. A correção coletiva, por sua vez, constitui-se em metodologia importante para a identificação de inadequações do ponto de vista reflexivo, já que os alunos sentem-se mais à vontade para apontarem os problemas. Na correção por pares, os alunos corrigem os textos uns dos outros e tornam-se corresponsáveis pelas reedições.

Uma observação importante a ser feita é quanto ao critério avaliativo. Embora cada professor, em cada atividade, estabeleça critérios de avaliação conforme o gênero que trabalha, alguns são comuns, como a observância da adequação do registro (formalidade e informalidade); adequação ao propósito discursivo bem como ao público a quem se dirige; adequação do tipo de texto às características do gênero. Ademais, notas são atribuídas em função do plano geral do texto e reescritas contam como parte do critério de avaliação, uma vez que a área entende que as etapas do processo da escrita devem ser vinculadas à avaliação.

Partindo do pressuposto de que a escrita oportuniza meios de ascensão social, a área de Língua Portuguesa privilegia, em suas propostas de produção, o uso da variedade urbana de prestígio. Todavia, a correção dos textos não deve ser feita de modo a tolher a criatividade do aluno tampouco ridicularizar ou menosprezar seu conhecimento textual e linguístico. A ideia é que se parta do conhecimento do aluno (cultura local) para propor meios de inseri-lo no mundo da escrita formal (cultura valorizada) de forma progressiva e contextualizada. Assim, ele se sentirá seguro e confiante para ousar textual e linguisticamente.

**c) o ensino da oralidade**, por meio do ensino de gêneros orais formais públicos.

Falamos e ouvimos mais do que escrevemos, no entanto, o peso da prática de produção de textos escritos é supervalorizado, enquanto o peso das práticas orais não é o mesmo sob o ponto de vista dos valores sociais, na escola. Assim, a área de Língua Portuguesa, compreendendo a necessidade de inserção do aluno na sociedade ocidental altamente letrada, tem por objetivo desenvolver um ensino que compreenda tanto as práticas orais demandadas em situações reais de uso da língua quanto em situações em que é necessário o engajamento do aluno em um discurso mais monológico e planejado, como nos gêneros orais formais, que são aqueles imbricados com os escritos. Para atingir esse objetivo, os professores da área deverão propor metodologias voltadas para o desenvolvimento de capacidades e habilidades linguísticas de produção textual oral, pelo aluno, que sejam mais adequadas às expectativas de seus interlocutores no tocante a sua produção textual, tanto na escola quanto fora dela. Por isso, é necessário selecionar certos gêneros orais formais mais utilizados na escola e elegê-los como objetos de ensino, tais como as exposições orais em seminários, os debates, as entrevistas, por exemplo, a fim de desenvolver sistematicamente no aluno as formas legitimadas de falar sobre os textos.

A título de exemplificação, apresentamos alguns aspectos importantes no ensino do gênero exposição oral em seminário, que é um gênero oral formal demandado dos alunos especialmente nos momentos de apresentação de trabalhos, tanto no ensino básico como no ensino superior. Um seminário possui uma série de procedimentos formais que devem ser abordados em sala. Primeiro, é preciso estimular o aluno a estudar a fundo o assunto a ser apresentado, por meio de perguntas de pesquisa que o levem a se interessar pelo tema e pelas leituras. Em seguida, é necessário que

os alunos saibam triar as informações e preparar a exposição, estruturando-a para que ela seja assimilada pelos colegas. Só então chega o momento de partir para a apresentação propriamente dita. Nessas etapas, há quatro aspectos que não podem ser esquecidos:

- **Planejamento do texto:** além de cuidar do conteúdo (uma preocupação comum a todas as situações comunicativas), um seminário exige a preocupação com a forma como as informações são passadas por meio da exposição oral, que não pode ser a mesma usada com os colegas no dia a dia. Por isso, é necessário trabalhar as diferenças entre as modalidades da língua formal e a informal. Nesta etapa é importante trabalhar questões relacionadas às variedades linguísticas e à adequação da linguagem ao contexto de uso: diferentes registros e estilos (grau de formalidade) em relação a esse gênero discursivo em específico.
- **Estrutura da exposição:** o conteúdo precisa ser apresentado de forma clara e coerente - o objetivo é facilitar a compreensão de seu sentido geral. Para que isso ocorra, o texto oral deve ter uma sequência organizada: fase de abertura, introdução ao tema, desenvolvimento, conclusão e encerramento. Aqui é importante o professor trabalhar com os procedimentos quanto ao uso de certas marcas linguísticas (ou expressões formulares) que mostrem a progressão do texto e deixem explícitas as partes que compõem a apresentação (citadas acima), como “primeiramente vamos falar sobre...”, “passemos agora para...”, “é preciso agora explicitar que...”, “então, chegamos à conclusão de que...”, além das marcas prosódicas (como a entonação, uso de um tom de voz firme e alto (sem gritar) e de perguntas para estimular a atenção da plateia e atrair a curiosidade dela), dentre outros. É importante, também, mostrar aos alunos o papel dos conectivos como mecanismos que colaboram com a coesão e coerência do texto, uma vez que são marcadores orais e, portanto, devem ser utilizados conforme o grau de formalidade/informalidade do texto (como, por exemplo, “então”, “portanto”, “sobretudo” etc).
- **Características da fala:** o tom e a intensidade da voz do expositor devem criar um clima propício para a interação com a plateia.
- **Postura corporal:** olhares, gestos, expressões faciais e movimentos corporais são importantes para complementar as informações transmitidas pela fala. Esses recursos auxiliam a mobilizar a escuta atenta.

A sistematização das práticas orais de debate, por exemplo, devem ser realizadas também de forma a desenvolver no aluno as capacidades argumentativa e de escuta ativa. No trabalho com o gênero entrevista, o professor deve sistematizar as formas de ensinar a fim de motivar o aluno a adequar sua fala ao nível de formalidade/informalidade demandada no evento comunicativo e em função do interlocutor.

Para além desses gêneros, nos 2º e 3º ciclos do Ensino Fundamental, as possibilidades de trabalho com os gêneros orais são diversas e apontam diferentes caminhos, como: apresentação de temas variados (histórias de família, da comunidade, um filme, um livro); depoimentos sobre situações significativas vivenciadas pelo aluno ou pessoas do seu convívio; dramatização; recado; explicação; contação de histórias; declamação de poemas; troca de opiniões; e outras atividades que possibilitem o desenvolvimento da argumentação.

No que concerne à literatura oral, é preciso valorizar os textos literários como Arte, os quais produzem oportunidade de considerar seus estatutos, sua dimensão estética e suas forças políticas particulares.

Sendo assim, o trabalho com os gêneros orais deve ser consistente. Solicitar apenas que o aluno apresente um texto oral não lhe possibilita o desenvolvimento de um trabalho consistente. É preciso esclarecer os objetivos, a finalidade dessa apresentação, e explicar, por exemplo, que apresentar um seminário não é simplesmente ler em voz alta um texto previamente escrito, nem se apresentar frente à turma como se estivesse “batendo um papo” com os colegas. É colocar-se publicamente frente à sala de aula, de forma planejada, colocando-se como um “especialista” no assunto (GOULART, 2005).

Portanto, para se realizar um trabalho que possibilite ao aluno desenvolver as habilidades orais é necessário, primeiramente, selecionar os objetivos que se pretende alcançar com o gênero oral escolhido, por exemplo:

- na realização de um debate, é necessário que o professor observe a argumentação do aluno, como ele defende seu ponto de vista. Além disso, é preciso orientar os alunos sobre a adequação da linguagem ao contexto, trabalhar com os turnos de fala, com a interação entre os participantes, dentre outros aspectos pertinentes ao gênero;
- na oralização de um texto, é possível explorar elementos da representação cênica (como entonação, expressão facial e corporal, pausas), bem como a estrutura do texto dramatizado, as trocas de turnos de falas, observando a importância de saber a fala do outro (deixa) para a introdução da sua própria fala, dentre outros;
- ao narrar um fato (real ou fictício), socializar uma leitura na roda de leitura, é preciso ensinar ao aluno a estrutura da narrativa, refletir com ele sobre o uso de gírias e repetições, explorar os conectivos usados na narração, que apesar de serem marcadores orais, precisam estar adequados ao grau de formalidade/informalidade dos textos, dentre outros aspectos.

**d) o ensino de linguagens**, por meio da apreciação de outros modos de significar.

Tendo em vista que um dos objetivos do ensino de Língua Portuguesa é munir os alunos de condições linguístico-discursivas para o ser/estar no mundo, contemplar o trabalho com outros modos de significar que vão além da oralidade e da escrita torna-se condição *sine qua non* para a interação com as demandas contemporâneas de leitura.

Nesse ínterim, o trabalho com as imagens estáticas e em movimento, a sonoridade, o *layout*, a cor, a linguagem pictórica, corporal, dentre outras, deve ser oportunizado aos alunos de modo a contribuir com as práticas situadas de interação.

A área de Língua Portuguesa trabalha justamente no sentido de descortinar aos alunos os efeitos de sentido propiciados pelas diversas linguagens que podem ou não estar atreladas aos usos linguísticos. Um bom exemplo é o trabalho com charges e histórias em quadrinhos que demandam, para sua compreensão, o estabelecimento de pontes reflexivas entre linguagens. Somente a partir de uma abordagem crítica dessas linguagens é que o aluno começa a praticar suas potencialidades para analisar o mundo.

As metodologias utilizadas para esse fim requerem do aluno um posicionamento mediante as linguagens de modo que ele seja induzido a contrastar, hierarquizar, sintetizar, posicionar, relacionar linguagens. Tudo voltado para a construção de potenciais efeitos de sentido que

emergem de materialidades discursivas abrangendo linguagens que não somente as modalidades oral e escrita da língua.

**e) o ensino de gramática**, por meio de uma concepção reflexiva sobre os usos da norma.

O ensino de gramática é necessário para a compreensão sobre a estruturação da língua. Nesse sentido, as regras gramaticais devem ser apresentadas aos alunos para que possam, de posse do conhecimento da organização da língua, interagirem manejando-a conforme seu plano de dizer.

A área de Língua Portuguesa vislumbra o ensino produtivo da gramática por meio do uso efetivo da língua. Isso implica dizer que o que se pretende não é alterar os padrões linguísticos que o aluno já adquiriu, mas ampliar seu repertório linguístico de modo a potencializar os recursos que o aluno tem a seu dispor ao colocar a língua em uso.

A partir dessa postura, os textos não servem como pretexto para o ensino de normas, mas possibilitam o trabalho reflexivo sobre a prescrição gramatical. É o caso de o aluno entender que, embora exista a possibilidade de utilizar em contextos variados, por exemplo, a construção “eu vi ela”, a variedade urbana de prestígio demanda o uso “eu a vi”. Isso permite ao aluno ampliar seus horizontes linguísticos com relação ao ensino formal e decidir-se, segundo condições de produção, pelo que melhor se adequa ao seu propósito comunicativo.

Outro feito da área é deixar o aluno esclarecido sobre a legitimidade dos usos formais da língua e as possibilidades de ascensão social que esse uso permite. Todavia, toma-se o cuidado devido a fim de dizimar o preconceito linguístico.

Atividades estruturais sobre o ensino das normas gramaticais também são contemplados nas aulas, uma vez que para a sistematização de regras, esse tipo de atividade é bem-vindo. A atenção da área está em justamente não tornar o ensino da gramática o objetivo único ou maior no ensino de Língua Portuguesa. O que se almeja é a explicação da gramática em uso, por meio de reflexões sobre a prescrição. Logo, tanto a concepção de gramática de uso quanto a concepção de gramática reflexiva (TRAVAGLIA, 2002) são praticadas pelos professores.

**f) o ensino da leitura**, por meio de textos autênticos, que circulam em variadas esferas sociais da atividade humana, em perspectiva da formação de um leitor responsivo ativo.

A área de Língua Portuguesa entende a leitura como ferramenta de transformação social, especialmente porque ela possibilita ao aluno defrontar-se com “mundos” outros. Isso potencializa sua criatividade e colabora decisivamente no aprimoramento de suas competências linguístico-textuais, na sua condição de sujeito socioideológico e nas suas relações interpessoais, inserindo-o no mundo de uma maneira singular.

Isso posto, as metodologias para o ensino da leitura partem de um princípio comum: entendimento que nos textos há vestígios materiais de uma posição sócio-histórica ideológica de quem os produz. Nesse sentido, reconhecer a posição assumida pelo autor de um texto (mesmo que seja uma tentativa de apagamento dessa posição) é tarefa cobrada dos professores aos alunos. Dessa forma, independentemente do gênero discursivo trabalhado, o princípio do desvelamento de uma posição social e ideológica deve ser identificado.

No que concerne a aspectos comuns, na leitura, são cobrados: a compreensão global do texto, a compreensão de partes pontuais do texto; a relação entre o texto e seu contexto de

produção; a compreensão e identificação dos diversos mecanismos que permitem a textualidade (coesão, coerência, situacionalidade, intertextualidade, informatividade, aceitabilidade). Para tanto, estratégias de leitura são elaboradas com o objetivo de trazer os conhecimentos prévios, partilhados, de mundo, enciclopédicos do aluno acerca do tema da leitura. É somente na relação entre elementos da materialidade e seu contexto de produção que podem ser estabelecidos efeitos de sentido.

São também realizadas leituras individuais, coletivas, em silêncio, leituras oralizadas, jograis, dentre outras. Esses tipos de realização de leitura se dão por meio de gêneros discursivos eleitos para o trabalho com a língua, por meio de textos dos livros didáticos, por meio de leituras literárias direcionadas ou livres, por meio de textos que circulam socialmente.

A leitura é trabalhada ainda por meio de dinâmicas que colaborem para que o aluno perceba o texto como um objeto de aprendizagem, como mola propulsora para o desenvolvimento da oralidade, de análises linguísticas com base na língua em funcionamento e na produção textual. As estratégias de leitura desenvolvidas, portanto, são momentos de interação verbal e prática constante de comunicação.

A avaliação da leitura é feita com base na compreensão do plano global do texto de modo que o aluno consiga prover sentido geral ao que leu e identificar uma posição autoral. Essa compreensão pode se dar de maneira ascendente ou descendente, por meio de pistas textuais (elementos coesivos, morfossintáticos) e contextuais, pelo levantamento de hipóteses e pela realização de inferências. Normalmente, em uma leitura específica, o trabalho com o intertexto é realizado de modo que o aluno estabeleça pontes referenciais entre o que leu, o que lê e o que lerá. Há, ainda, esforço na tentativa de compreensão, por parte do aluno, de que a leitura é feita sob uma dada ótica, portanto, é de alguém que fez a leitura sob determinado ponto de vista. Os textos escolhidos referem-se às habilidades descritas em cada ano de ensino e tornam-se complexos à medida do desenvolvimento do aluno.

Em suma, a leitura é entendida como processo à medida que possibilita a (re)construção de pontos de vista, por meio da fuga à literalidade dos textos. O que se espera é um aluno capaz de:

- i) interpretar os textos, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada;
- ii) discutir os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos;
- iii) trazer o texto para a vida, colocando-o em relação com ela (ROJO, 2004).

**g) o ensino da literatura**, por meio da exploração sistemática de diferentes gêneros literários.

A leitura literária não pode ser encarada como uma atividade limitada ao simples contato do aluno com o texto impresso no livro, ainda que este ato se constitua em um momento insubstituível. Também não se pode considerar que somente as atividades de motivação formarão o leitor. A leitura deve ser *precedida* e *seguida* por outras leituras no sentido amplo da palavra e por outras formas de comunicação.

Por esses caminhos da reflexão sobre os processos de leitura (entendendo-se nestes a leitura literária e demais leituras intertextuais – formativas, informativas), os professores da Área de Língua Portuguesa procuram atingir alguns objetivos, quais sejam:

- a) formar o sujeito-leitor;
- b) possibilitar a formação global desse sujeito;
- c) buscar a superação dos obstáculos físicos, psicológicos e sociais do leitor;

- d) buscar maior integração entre alunos, professores, bibliotecários;
- e) estimular atividades de leitura e práticas culturais nos diferentes espaços da escola;
- f) fazer com que as práticas de leitura possam, efetivamente, contribuir na formação de leitores;
- g) compreender a importante relação entre leitura e os demais meios de comunicação.

Conforme afirma Ezequiel Theodoro da Silva, o ensino da literatura/leitura sempre pressupõe: (1) *finalidades*, ou seja, os objetivos que orientam a ação pedagógica do professor; (2) *conteúdos*, ou seja, os textos selecionados e colocados à disposição da cognição e da sensibilidade dos alunos; e (3) *as pessoas envolvidas no processo*, isto é, as características dos alunos para quem se dirige o trabalho pedagógico. Nessa perspectiva, a área de Língua Portuguesa adota alguns procedimentos metodológicos para dinamizar o trabalho com a literatura em sala de aula:

- a) sondagem de leitura com o grupo de alunos, no início do ano, para que o professor possa ter um quadro inicial do perfil desse leitor, sua história de leitura, suas preferências e hábitos;
- b) partir de textos escritos em temas de interesse do aluno, seguindo-se, então, para a indicação de outros mais elaborados esteticamente;
- c) adotar acervo mais recente, seguindo-se para os clássicos e, quanto à seleção dos livros, fazer com que seja de livre escolha dos alunos;
- d) trabalhar com jograis, declamações e dramatizações;
- e) promover seminários sobre temas lidos, assim como discussões para análise e interpretação dos textos literários;
- f) promover encontros e debates com escritores, assim como exposições de livros em parceria com livrarias e editoras da cidade;
- g) incentivar os projetos e eventos culturais de promoção da leitura já desenvolvidos – Literatura à Mostra, Encontro com escritores, Projeto SEBO (com exposição e troca de livros usados) –, visando, a cada realização, ao seu aprimoramento;
- h) buscar aprimoramento na parceria com os bibliotecários quanto às metodologias de promoção da leitura e quanto à utilização da biblioteca para estudo e pesquisa;
- i) possibilitar a realização de oficinas que discutam e reflitam o trabalho com o texto literário, suas análises e interpretações, em conjunto com o grupo de mediadores: professores, bibliotecários e agentes culturais.

Por meio da literatura damos significado ao mundo. O conteúdo simbólico e expressivo da literatura contém uma quantidade de percepções e argumentos que farão com que a criança, o jovem ou o adulto sintam-se estimulados por sua imaginação, podendo combinar essas percepções com dados de sua experiência, construindo novas realidades, novas leituras, novas concepções.

Na verdade, entende-se que não se deve antecipar o que é o literário, ou o que é a literatura, mas deve-se estar atento a essa relação entre autor e obra. Quando se percebe bem, vê-se que é o leitor que vai definir, através do tempo, o que é literário, o que é propriamente literatura.

As sugestões que se seguem não pretendem limitar as propostas de gêneros ou suportes a serem trabalhados em cada ano do ensino fundamental. Por outro lado, os docentes da Área acreditam que a narrativa nos primeiros ciclos, quando transformada em experiências a serem vivenciadas por meio da memória, da contação de histórias, poderá muito desenvolver o interesse pela leitura. No terceiro ciclo, no entanto, novidades e conceitos mais subjetivos sobre o mundo



dos jovens, seus questionamentos em torno das questões existenciais, do estar no mundo, das questões filosóficas podem ser muito bem desenvolvidos por meio da poesia. Isso não quer dizer, contudo, que a poesia não possa ser um gênero indicado em anos iniciais ou que a narrativa seria mais indicada a esses anos. Propõe-se uma visão mais ampla da noção de interpretação do texto literário, por meio da compreensão de leituras mais diversificadas, que incluem a vocalidade, o trabalho de leitura coletiva, a socialização do texto em diálogo com as séries, proporcionando, enfim, uma retextualização por meio das vozes dos leitores. Contudo, como dito anteriormente, é o leitor que dará essa direção. Ele, com sua percepção, simbolização e imaginação, é que deverá tornar a literatura um instrumento efetivo de humanização, compreensão e tradução do mundo.

### **Algumas propostas metodológicas e de conteúdo para o 2º Ciclo (4º, 5º e 6º anos)**

- promover leituras de textos narrativos – contos, lendas, fábulas da literatura clássica e moderna, produzidos na América, Europa e África;
- explorar a literatura oral – adivinhas, trava-línguas, chistes, parlendas, anedotas, mitos, rodas, produzidos na América, Europa e África;
- explorar a literatura oral – contos de encantamento, contos de exemplo, contos de animais, contos religiosos, contos de adivinhação, produzidos na América, Europa e África;
- explorar a literatura oral – personagens/protagonismo – curupira, saci-pererê, mula sem cabeça, boto cor de rosa, mãe d'água, dentre outros;
- pesquisar tradições, crenças, costumes e artes populares – conjunto de poemas, canções e lendas populares, produzidos na América, Europa e África;
- pesquisar literatura oral / artes populares – congos ou congadas, fandango ou marujada, bumba-meu-boi, folia de reis (cantigas ou autos brasileiros);
- promover leitura de poesia – formação de grupos de leitura – aproximação do texto poético de outras linguagens artísticas – desenho, pintura, música, performance dramática. Leitura e declamação de poesia, produzida na América, Europa e África, durante todo o ano, pelos diversos espaços da escola (proposta que dará sustentação ao Projeto Literatura à Mostra);
- conhecer haicais, limeriques, poemas-minuto – Alice Ruiz, Ângela Leite, Paulo Leminski, Millôr Fernandes, Fernando Pessoa, dentre outros;
- explorar literatura, cinema e vídeo – *A lua foi ao cinema*, Paulo Leminski; *A dança dos bonecos*, Helvécio Raton (fábula cinematográfica); *O balão branco*, Fafar Panahi (neo-realismo iraniano), dentre vários outros;
- trabalhar poesia e música – *coletânea de Adriana Partimpim* (Calcanhoto); *Cantos e encantos*, Coral Infante-juvenil da UFMG; *Villa Lobos para crianças*, Coral Infantil de Petrópolis; *A música em Pessoa* (poemas de Fernando Pessoa musicados), Nana Caymmi e outros; *Poemas musicados* (seleção especialmente feita para ser trabalhada na escola fundamental), Ana Cristina; *Palavra cantada*, Paulo Tatit e Sandra Peres; *Canções do Brasil*, Paulo Tatit e Sandra Peres; *As nove bachianas brasileiras*, Heitor Villa Lobos; *Zimbo Trio e as Crianças*, Zimbo Trio; *Os saltimbancos*, Chico Buarque; dentre outros.

## MATERIAIS, ESPAÇOS, RECURSOS TICs

Materiais: apostilas elaboradas pelos professores e outros autores, filmes, vídeos, músicas, outros materiais audiovisuais, livro didático (quando solicitado), obras literárias, dicionários, gramáticas e outros materiais disponíveis na biblioteca ou em setores da escola bem como solicitados às famílias.

Espaços: sala de aula, laboratório de informática, biblioteca, sala de leitura da biblioteca, floresta encantada do Campus Educação Física e espaços propiciados pela viagem de campo.

Recursos: e-mail, Google drive, data show, computador, vídeos, celular (com objetivo didático, respeitando a legislação e quando previamente programado com as famílias e autorizado pela direção da escola).

## PROPOSTAS DE TRABALHO AVALIATIVO

É imprescindível que a avaliação em Língua Portuguesa e Literatura faça parte de um processo contínuo de aprendizagem.

Nesse sentido, a Área de Língua Portuguesa, com base na Lei n. 9394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), realiza a chamada avaliação formativa (capítulo II, artigo 24, inciso V, item a), que corresponde a 60% dos pontos distribuídos no trimestre. De acordo com essa Lei, a avaliação de desempenho do aluno deve ser: “contínua e cumulativa, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais”. Sendo assim, na concepção da Área, essa modalidade é vista como grande avanço em relação à avaliação tradicional, que se restringe tão somente ao somativo ou classificatório, e como a mais adequada ao dia a dia da sala de aula.

Realizada geralmente ao final do trimestre, a avaliação somativa – que corresponde a 40% do total de pontos do trimestre – é usada para definir uma nota ou estabelecer um conceito. Isso não quer dizer, no entanto, que esse tipo de avaliação deva ser excluída do sistema escolar, mas que as duas formas de avaliação – a formativa e a somativa – são importantes porque se complementam, servindo aos seus fins. Por isso, em lugar de apenas avaliar por meio de provas, o processo de avaliação da Área de Língua Portuguesa usa da observação diária e de instrumentos variados para verificar a aprendizagem: participação nas atividades de sala, produção de textos orais e escritos, leituras e outras atividades diversificadas.

Assim, sob essa perspectiva, as Diretrizes recomendam que se avalie em relação aos aspectos da Língua Portuguesa:

- *Oralidade*: será avaliada em função da adequação do discurso/texto aos diferentes interlocutores e situações. Em um seminário, em um debate, em uma troca informal de ideias, em uma entrevista, em um relato de história. Como as exigências de adequação da fala são diferentes, isso deve ser considerado em uma análise da produção oral. Assim, poder-se-á verificar a participação do aluno nos diálogos, relatos e discussões, ao expor suas ideias, a fluência da sua fala, a argumentação que apresenta ao defender seus pontos de vista.
- *Leitura*: serão avaliadas as estratégias que os aprendizes empregam para a compreensão do texto lido, o sentido construído, as relações dialógicas entre textos, relações de causa e consequência entre as partes do texto, o reconhecimento de posicionamentos ideológicos no texto, a identificação dos efeitos de ironia e humor em textos variados, a localização das informações, tanto explícitas quanto implícitas, o argumento principal, dentre outras, conforme será explicitado detalhadamente na seção Aparatos metodológicos.

- *Escrita*: A avaliação desse aspecto deve considerar o processo de produção, nunca o produto final. Assim, um dos aspectos mais importantes ao se avaliar o texto do aluno são os discursivotextuais. Por isso, deve-se avaliar: a adequação à proposta e ao gênero solicitado, se a linguagem está de acordo com o contexto exigido, se houve elaboração de argumentos consistentes, se o texto está coeso e coerente e se apresenta organização dos parágrafos.
- *Análise Linguística*: é no texto que a língua se manifesta em todos os seus aspectos discursivos, textuais e gramaticais. Dessa forma, o professor poderá avaliar, por exemplo, o uso da linguagem formal e informal, a ampliação lexical, a percepção dos efeitos de sentidos causados pelo uso de recursos linguísticos e estilísticos, as relações estabelecidas pelo uso de operadores argumentativos e modalizadores, bem como as relações semânticas entre as partes do texto (causa, tempo, comparação, dentre outras).

Sendo assim, os alunos são avaliados continuamente em termos do desenvolvimento de habilidades e competências em relação à oralidade, à escuta, à leitura e à escrita.

Observação: os procedimentos de avaliação do aspecto ortográfico foram apresentados na sessão intitulada procedimentos e metodologia.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola, 2003.

\_\_\_\_\_. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

\_\_\_\_\_. **Língua, texto, ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Michail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 2003.

\_\_\_\_\_. **Atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Org. de Ana Rachel Machado e Maria de Lourdes M. Matencio. Trad. de Ana Rachel Machado e Maria de Lourdes M. Matencio et al. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

CALIL, E. D'efeitos d'a (Língua): o fenômeno linguístico "homortográfico". In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Trilhas da escrita**: autoria, leitura e ensino. São Paulo: Cortez, 2007. p.67-99.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Textos de intervenção**. Seleção apresentações e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2002.

CORACINI, Maria José. Concepções de leitura na (pós) modernidade. In: LIMA, Regina Célia de C. P. (Org.). **Leitura**: múltiplos olhares. Campinas, SP: Mercado de Letras; São João da Boa Vista, SP: Unifeob, 2005.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GOULART, Claudia. **As práticas orais na escola**: o seminário como objeto de ensino. Dissertação (Mestrado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/UNICAMP), Campinas, 2005. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000374639>>.

GUIMARÃES, A. M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. (Orgs.). **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

JAUSS, Hans Robert. Estética da Recepção. In: **A literatura e o leitor – textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KRESS, Gunther. Multimodality. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (Eds). **Multiliteracies – literacy learning and the design of social futures**. London: Routledge, 2006. p. 182-202.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LÉVY, P. **O que é virtual**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1996.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2006.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos: escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
CAP. ESEBA/UFU



PLANO DE CURSO / 2025

**Componente Curricular:** Matemática

**Ano:** 6º

**Turma:** A, B e C

**Ciclo:** 3º

**Turno:** Matutino

**Docente(s):** Leonardo Donizette de Deus Menezes (6º A e B); Muriell Francisco da Costa (6º C)

**Coordenador(a) de Área de Conhecimento:** Mariana Martins Pereira

**Assessor(a) Pedagógico(a):** Daniel Santos Costa

**Direção:** Profa. Dra. Núbia Silvia Guimarães

**OBJETIVO GERAL DO ANO DE ENSINO**

Realizar atividades que possibilitem ao estudante, por meio da interrelação entre o conhecimento matemático e a realidade social, desenvolver sua humanidade no processo de apropriação do conhecimento teórico e de compreensão do mundo ao qual se insere, bem como a questionar o seu papel e perceber a sua responsabilidade na transformação do mesmo.

**CONTEÚDO/EIXO/TEMA**

**1 Racionais não negativos**

**1.1** Revisão das 4 operações fundamentais (adição, subtração, multiplicação e divisão) e de seus significados.

**1.2** Elaborar e resolver expressões numéricas envolvendo as operações matemáticas (adição, subtração, multiplicação e divisão) e sinais de associação (parênteses, colchetes e chaves).

**1.3** Comparar, ordenar, ler e escrever números naturais e números racionais não negativos cuja representação decimal é finita, fazendo uso da reta numérica.

**1.4** Verificar e explorar as operações matemáticas por meio de estratégias de cálculos mentais ou escritos, exatos ou aproximados, com compreensão dos processos neles envolvidos, com ou sem uso de calculadora.

**1.5** Decompor números naturais em fatores primos por meio do processo de divisões sucessivas. A partir daí, estabelecer a relação entre a forma fatorada e a quantidade do número de divisores, bem como o conjunto dos divisores.

**1.6** Determinar o MDC e o MMC por meio do processo de divisões sucessivas.

<b>1.7</b>	Resolver e elaborar problemas que envolvam as ideias de MDC e MMC por meio do processo de divisões sucessivas.
<b>1.8</b>	Ampliar os critérios de divisibilidade (Sugestões: 4, 7, 8, 11 e 1 000).
<b>1.9</b>	Consolidar e ampliar os aspectos relacionados ao conceito de fração (parte- todo, razão, proporção, medida, quociente e números).
<b>1.10</b>	Comparar e ordenar números racionais não negativos expressos na sua forma fracionária, decimal (finita e infinita) e mista.
<b>1.11</b>	Representar na reta numérica números racionais não negativos na forma decimal exata, fracionária e mista, bem como estimar entre quais inteiros consecutivos estão os decimais infinitos.
<b>1.12</b>	Ampliar, para os números racionais não negativos, a potenciação com qualquer expoente natural e a radiciação cuja raiz é exata.
<b>1.13</b>	Resolver ou elaborar problemas com números racionais não negativos, em suas diferentes representações, envolvendo as operações de adição, subtração, divisão, multiplicação – e seus respectivos sentidos –, por meio de estratégias diversas em diferentes contextos, inclusive em educação financeira, utilizando estimativas e arredondamentos para avaliar resultados, com ou sem uso de calculadora.
<b>1.14</b>	Compreender e aprofundar o conceito de equivalência de fração aplicando-o em exercícios e situações-problema.
<b>1.15</b>	Identificar e classificar as frações a partir da sua relação (maior, menor ou múltiplo) com a unidade. Inclusive explorando os termos de frações próprias, impróprias e aparentes.
<b>1.16</b>	Transformar a fração imprópria em número misto e vice-versa, inclusive utilizando o algoritmo da divisão.
<b>1.17</b>	Reconhecer as diferentes representações de um número racional não negativo (fracionária, decimal, percentual e mista).
<b>1.18</b>	Resolver ou elaborar problemas com números racionais não negativos, em suas diferentes representações, envolvendo as operações de adição, subtração, divisão, multiplicação – e seus respectivos sentidos –, por meio de estratégias diversas em diferentes contextos, inclusive em educação financeira, utilizando estimativas e arredondamentos para avaliar resultados, com ou sem uso de calculadora.

## **2 Grandezas e Medidas**

<b>2.1</b>	Resolver e elaborar problemas que envolvam as grandezas comprimento, capacidade, massa, tempo, temperatura.
<b>2.2</b>	Estabelecer as relações de transformações de medidas de comprimento (cm – m – mm – km – hm – dam).
<b>2.3</b>	Generalizar os procedimentos de cálculo de áreas de quadriláteros e triângulos. Podendo utilizar tecnologias digitais, malha quadriculada, entre outros recursos.
<b>2.4</b>	Resolver e elaborar problemas que envolvam o cálculo de áreas de triângulos e quadriláteros, sempre que possível, em contextos oriundos de situações reais e/ou relacionadas às outras áreas do conhecimento, utilizando malhas quadriculadas e/ou

tecnologias digitais. Ampliar a noção do cálculo de área para o quadrado e retângulo como produto de suas dimensões.

**2.5** Resolver e elaborar problemas que envolvam a relação entre as grandezas de capacidade e volume (sólidos formados por blocos cúbicos), sem uso de fórmulas, inseridos, sempre que possível, em contextos oriundos de situações reais e/ou relacionadas às outras áreas do conhecimento.

**2.6** Reconhecer a noção de ângulo associada a representações geométricas, enquanto giro, abertura ou inclinação, construindo e determinando suas medidas por meio de transferidor e/ou tecnologias digitais.

**2.7** Resolver problemas que envolvam ângulos em diferentes contextos.

**2.8** Analisar e descrever mudanças que ocorrem no perímetro e na área de um quadrado ao se ampliarem ou reduzirem, igualmente, as medidas de seus lados, para compreender que o perímetro é proporcional à medida do lado, o que não ocorre com a área, inicialmente, utilizando a representação em malha quadriculada e/ou tecnologias digitais.

### **3 Geometria**

**3.1** Quantificar e estabelecer relações entre o número de vértices, faces e arestas de prismas e pirâmides, em função do seu polígono da base, por meio da percepção espacial, para resolver problemas.

**3.2** Reconhecer, nomear e comparar polígonos, considerando lados, vértices e ângulos.

**3.3** Identificar polígonos não convexos e convexos e estes em regulares e não regulares.

**3.4** Identificar características dos triângulos e classificá-los em relação às medidas dos lados e dos ângulos.

**3.5** Identificar características dos quadriláteros, classificá-los em relação a lados e a ângulos e reconhecer a inclusão e a intersecção de classes entre eles.

### **4 Pensamento Algébrico**

**4.1** Reconhecer e aplicar o princípio de equivalência matemática nas resoluções de problemas e expressões numéricas, verificando seus resultados ao adicionar, subtrair, multiplicar ou dividir, valendo-se das diferentes formas de cálculo e linguagens para justificar suas respostas.

### **5 Tratamento da Informação**

**5.1** Planejar, coletar e organizar dados de pesquisa, inclusive fazendo uso de planilhas eletrônicas, para representação e interpretação das informações, em quadros, tabelas ou os vários tipos de gráficos e seus elementos constitutivos (título, eixos, legendas, fontes e datas), bem como redigir textos escritos com o objetivo de sintetizar conclusões.

**5.2** Calcular a probabilidade de um evento aleatório, expressando-a por número racional (forma fracionária, decimal e percentual).

## **PROCEDIMENTOS E METODOLOGIA DE ENSINO**

A área de Matemática do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia (CAp – UFU) se apresenta entendendo que o ensino de Matemática deve valorizar os conhecimentos específicos produzidos historicamente e presentes no currículo escolar, visando uma formação humana mais ampla, ou seja, para além do conteúdo e da sala de aula. Dessa forma, O currículo pode não seguir uma linearidade de eixos temáticos e itens. Pelas propostas metodológicas que orientam o trabalho pedagógico, Teoria Histórico-Cultural e Situação Social Contraditória, os conteúdos do 6º ano são tratados como unidades, ou seja, os conteúdos se inter-relacionam entre si. Tomamos como apoio, documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), revistas científicas da área de Educação e da Educação Matemática, livros, metodologias provenientes das Tendências em Educação Matemática, além dos próprios conhecimentos produzidos pela área por meio da relação teoria e prática (práxis).

### **MATERIAIS, ESPAÇOS, RECURSOS e TDIC (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação)**

Para o desenvolvimento da atividade pedagógica, a área busca metodologias compatíveis com a formação desejada pela unidade escolar. Muitos são os recursos metodológicos que auxiliam o professor de Matemática em sua atividade de ensino, em prol de uma aprendizagem significativa. Dentre eles, destacam-se: Aulas expositivas dialogadas; Trabalho em grupo; Livros didáticos; Calculadoras; Livros paradidáticos; Jornais e revistas; Vídeos; Laboratório de ensino; Recursos computacionais. Além destes, as Tendências em Educação Matemática também se apresentam como recursos metodológicos importantes no auxílio do trabalho docente.

### **PROPOSTAS DE TRABALHO AVALIATIVO**

A avaliação será processual e feita a partir de diferentes possibilidades didático-pedagógicas. A área de Matemática do CAp – UFU se orienta pelas decisões coletivas da escola para estabelecer o seu sistema de avaliação. Segundo estas decisões, a verificação da aprendizagem do Ensino Fundamental abrange a frequência e o desempenho do aluno, ambos eliminatórios. O processo de avaliação é realizado de forma contínua e cumulativa, com aspectos qualitativos e quantitativos, por meio de avaliações diversificadas e individuais que são pontuadas de maneira a totalizar cem pontos durante o ano letivo.



Os cem pontos anuais são distribuídos em três trimestres, sendo 40% dos pontos para provas individuais sem consulta e 60% dos pontos para atividades diversificadas. Conforme orienta este documento, considera-se aprovado o aluno que obtiver sessenta pontos acumulados anualmente em cada conteúdo e que tenha frequência igual ou superior a setenta e cinco por cento.

A área de matemática adota como atividades diversificadas: atividades individuais com consulta e/ou em grupo dentro da sala de aula, envolvimento em aulas práticas no laboratório de ensino, participação, tarefas de casa, diálogos orais, seminários, participações em feiras, congressos de iniciação científica, oficinas, trabalho de campo, entre outros.

### REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC):** Educação é a Base. Brasília, MEC: 2018.

DANTE, L. R.; **Teláris Essencial:** Matemática 6º ano. 1 ed. São Paulo, Ática: 2022.

GIOVANNI JÚNIOR, J. R. **A conquista da matemática:** 6º ano ensino fundamental anos finais. 4 ed. São Paulo: FTD, 2018.

LEONTIEV, A. N. **Atividade. Consciência. Personalidade.** Tradução de Priscila Marques. Bauru, São Paulo: Mireveja, 2021. 252p.

MENEZES, L. D. D. **Situação Social Contraditória como práxis educativa no processo de humanização: uma proposta metodológica para o Ensino de Matemática e a Educação Escolar.** 2024. 280 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.

PAGÈS, J.; SANTISTEBAN, A. La Educación para la Ciudadanía hoy. In: Pagès, J.; Santisteban, A (Coords.). **Educación para la ciudadanía.** Guías para Educación Secundaria Obligatoria. Madrid: Wolters Kluwer, 2008.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
CAP. ESEBA/UFU



PLANO DE CURSO / 2025

**Componente Curricular: PSICOLOGIA**

**Ano: 6º**

**Turma: A, B e C**

**Ciclo: 3º**

**Turno: Manhã**

**Docente(s): Cláudia Silva de Souza**

**Coordenador(a) de Área de Conhecimento: Cláudia Silva de Souza**

**Assessor(a) Pedagógico(a): Daniel Santos Costa**

**Direção: Profa. Dra. Núbia Silvia Guimarães**

**OBJETIVO GERAL DO ANO DE ENSINO:**

O objetivo geral do sexto ano de ensino de Psicologia abrange o desenvolvimento do **Projeto Valores Humanos na convivência**, no qual os estudantes aprendem o/sobre o tema por meio de reflexões teórico-críticas e exercícios práticos.

Em Psicologia, compreende-se a sala de aula como espaço privilegiado no qual o ensino promove o desenvolvimento da personalidade, uma vez que, por meio da relação professora-estudantes e das metodologias empregadas com intencionalidade, ocorre o desenvolvimento de funções psicológicas como atenção, imaginação, emoção, memória, linguagem e pensamento, ampliando a autoconsciência dos estudantes e de suas potencialidades.

**CONTEÚDO/EIXO/TEMA:**

**O CONTEÚDO A SER DESENVOLVIDO É ANUAL, PORÉM, MINISTRADO A CADA SEMESTRE COM DUAS TURMAS DIFERENTES DE UMA MESMA SALA DE AULA.**

Nos sextos anos, o conteúdo atual previsto para que os objetivos de aprendizagem sejam cumpridos compreende os seguintes eixos:

**-VALORES HUMANOS:**

-Desenvolver conceitos e propiciar vivências baseados na temática “Valores Humanos”, enquanto princípios morais e éticos que conduzem a vida de uma pessoa, fazendo parte da formação da consciência e da maneira de agir e de se relacionar em sociedade.

-Promover oportunidades pedagógicas para que os estudantes são levados a pensar de forma crítica nas suas escolhas pessoais, baseadas numa hierarquia de valores existente de forma

implícita ou não, e nas implicações destas escolhas no cotidiano de seus relacionamentos interpessoais.

**-VALORES HUMANOS NA PRÁTICA:**

-Propõe-se a apresentar o significado de valores como amor, respeito, autorrespeito, gratidão, paz, responsabilidade, autonomia, inclusão e tolerância, bem como a expressão desses valores no cotidiano, de forma que os estudantes vivenciem na prática o exercício dos valores elencados.

**PROCEDIMENTOS E METODOLOGIA DE ENSINO  
(recursos pedagógicos, estratégias metodológicas)**

Rodas de conversa, apresentação dialogada com slides, exercícios individuais e em grupo, dinâmicas grupais, jogos e brincadeiras.

**MATERIAIS, ESPAÇOS, RECURSOS TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação)**

Quadro branco, pincel, apagador, projetor de mídias e recursos audiovisuais diversos.

**PROPOSTAS DE TRABALHO AVALIATIVO**

A avaliação será processual e feita a partir de diferentes possibilidades didático-pedagógicas: autoavaliação, observação do comportamento dos estudantes no cotidiano das aulas (participação, envolvimento, assiduidade, iniciativa).

**REFERÊNCIAS**

ANJOS, R. E. dos. O papel da educação escolar no desenvolvimento da personalidade do adolescente. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 25, n. 1, p. 228-246, jan./abr. 2014

ARIAS, B., G. El papel de los “otros” y sus caracteristitcas en el proceso de potenciación del desarrollo humano. **Revista Cubana de Psicología**. 16(3), 59-68. ISSN 0257-4322.

BOCK, S. D. **Orientação Profissional: a abordagem sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2006.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicologia escolar e educacional**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 63-76, jun. 2007.

BOZHOVICH, L. I. La personalidad y su formación en la edad infantil: investigaciones psicológicas. La Habana: Pueblo y Educación, 1976.

BOZHOVICH, L. I. Formación de la personalidad del niño en la edad escolar media. In: DOMÍNGUEZ GARCÍA, L. Psicología del desarrollo: adolescencia y juventud. Selección de lecturas. La Habana: Félix Varela, 2003. p. 342-402

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. CECCHIA, 2006, p. 131.

DOMÍNGUEZ GARCÍA, L. (Org.). **Psicología del desarrollo: adolescencia y juventud. Selección de lecturas.** La Habana: Félix Varela, 2003a.

DRAGUNOVA, T. V. Características psicológicas del adolescente. In: PETROVSKI, A. **Psicología evolutiva y pedagógica.** Moscú: Progreso, 1980. p. 119-169. p. 120-175

DUARTE, N. **Crítica ao fetichismo da individualidade.** Campinas: Autores Associados, 2004

FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 64-81, abr.2004<sup>a</sup>.

FARIÑAS, G. L. Acerca del concepto de vivencia en el Enfoque Histórico-Cultural. **Revista Cubana de Psicología**, La Habana, v. 16, n. 3, p. 222-226, 1999.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade:** uma aproximação Histórico-Cultural. Tradução Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2013. 290 p.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MARTÍNEZ, A. F. **La personalidad:** su educación y desarrollo. La Habana: Pueblo y Educación, 1989.

GUZZO, R. S. L.; EUZEBIOS FILHO, A. Desigualdade social e sistema educacional brasileiro: a urgência da educação emancipadora. **Escritos sobre educação**, Ibirité, v. 4, n.2,p.39-48,dez.2005.Disponívelem: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-98432005000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-98432005000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 14 mar. 2016.

KON, I. S. **Psicología de la edad juvenil.** La Habana: Pueblo y Educación, 1990.

LEAL, Z. F. de R. G. **Educação escolar e constituição da consciência:** um estudo com adolescentes a partir da Psicologia Histórico-Cultural. 2010. 371 f. Tese (Doutorado em

Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

LEAL, Z. F. de R. G.; FACCI, M. G. D. Adolescência: superando uma visão biologizante a partir da Psicologia Histórico-cultural. In: LEAL, F. de R. G.; FACCI, M. G. D.; SOUZA, M. P. R. de. (Org.). **Adolescência em foco: contribuições para a Psicologia e para a Educação**. Maringá: Eduem, 2014. p. 15-44.

MASCAGNA, G. C.; FACCI, M. G. D. A atividade principal na adolescência: uma análise pautada na Psicologia Histórico-cultural. In: LEAL, F. de R. G.; FACCI, M. G. D.; SOUZA, M. P. R. de. (Org.). **Adolescência em foco: contribuições para a Psicologia e para a Educação**. Maringá: Eduem, 2014. p. 45-70.

MEIRA, M. E. M.; FACCI, M. G. D. (Org.). **Psicologia histórico-cultural: contribuições para o encontro entre subjetividade e a educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MÍTJANS MARTÍNEZ, A. **Criatividade, personalidade e educação**. São Paulo: Papirus, 1997. 206p.

MÍTJANS MARTÍNEZ, A. A criatividade na escola: três direções de trabalho. **Linhas críticas**: Brasília, vol. 8, n. 15, p. 189-206, jul./dez. 2002.

MÍTJANS MARTÍNEZ, A. Aprendizagem criativa: desafios para a prática pedagógica. In: NUNES, C. **Didática e formação de professores**. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2012, p. 93-124.

MARTÍNEZ MITJÁNS, Albertina. O que pode fazer o psicólogo na escola? **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 39-56, mar. 2010.

MONTEZI, A. V.; SOUZA, V. L. T. de. Era uma vez um sexto ano: estudando imaginação adolescente no contexto escolar. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 77-85, jan./jun. 2013.

MUNIZ, L. S. **Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e suas inter-relações com o desenvolvimento da subjetividade da criança**. 2015. 314 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília: 2015.

NEIMARK, M. S. Psicología de la educación y psicología de la personalidad. In: LÓPEZ, J.H.; DURAN, B. G. **Superación para profesores de psicología**. La Habana: Pueblo y Educación, 1975. p. 158-166.

PATTO, M. H. S. **Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à Psicologia Escolar**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984. Oliveira, 2005, p. 38

PINO, A. **As marcas do humano**: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

PUENTES, R. V.; LONGAREZI, A. M. A didática desenvolvimental: seu campo conceitual na tradição da psicologia histórico-cultural da atividade. In: LONGAREZI, A. M.; PUENTES, R. V. (Org.). **Aprendizagem e desenvolvimento**: implicações para e do ensino. Uberlândia: Edufu, 2016a, p. 230-270.

Rey, G. (2000). El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: el aporte de Vigotski. **Educación & Sociedad**, 70 (1), pp. 132-148.

ROSENBERG, M. B. (2006). **Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. Editora Agora. São Paulo.

SOUZA, C. S. **A atuação do psicólogo escolar na rede particular de ensino da cidade de Uberlândia-MG**. 2010. 226 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

SOUZA, Claudia Silva de. **A (docência)escência: pressupostos para um ensino desenvolvimental**. 252f. (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, UFU, 2016.

TANAMACHI, E. R. Mediações teórico-práticas de uma visão crítica em Psicologia Escolar. In: TANAMACHI, E.; PROENÇA, M.; ROCHA, M. **Psicologia e educação**: desafios teórico-práticos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 73-104.

TANAMACHI, E. R. MEIRA, M. E. M. A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em Psicologia e Educação. In: MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. A. M. (Org.). **Psicologia escolar**: práticas críticas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 11-62.

TOASSA, G. **Emoções e vivências em Vigotski**: investigação para uma perspectiva Histórico-Cultural. 2009. 348 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009

TOLEDO, D. C.; ARAÚJO, L. de A. Drogadicção na adolescência: uma perspectiva histórico-cultural. **Universitas**: Ciências da Saúde, Brasília, v. 9, n. 2, p. 83-109, jul./dez. 241, 2011.

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. **Educación e Sociedad**, Campinas, v. 21, n. 71, p.21-44, jul.2000.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas IV**: problemas de la psicología infantil. Boadilla del Monte: A. Machado Libros, 2006.